



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

*Im Pessoa
cusei' de sair, está o
ntar prompto e' so'
ntar a' mesa, tirar do
me e comer*

WeltLiteratur

MADRID, PARIS, BERLIM, S. PETERSBURGO, O MUNDO!

JACK LANG NO FÓRUM GULBENKIAN MIGRAÇÕES
PRÉMIOS GULBENKIAN 2008
EXPOSIÇÃO - 7 ARTISTAS AO 10º MÊS

ÍNDICE

ACTUALIDADE

PRÉMIOS GULBENKIAN – OS VENCEDORES 2008.....	2
CONFERÊNCIA GULBENKIAN – MAIS DISTANTES OU MAIS PRÓXIMOS, PODEMOS VIVER SEM O OUTRO?.....	5
A FESTA DAS CULTURAS.....	6
CENTRO CULTURAL GULBENKIAN - NOVO ESPAÇO EM 2010.....	6
DESCOBRIR – PROGRAMA GULBENKIAN EDUCAÇÃO PARA A CULTURA... 7	7
À PROCURA DA ORIGEM.....	8
A MATEMÁTICA À PROVA.....	8
ESTÍMULO À INVESTIGAÇÃO.....	9
BOB DYLAN, NEIL YOUNG E A BIODIVERSIDADE.....	9
DEZ MÉDICOS ESCOLHIDOS PARA FORMAÇÃO MÉDICA AVANÇADA.....	10
JACK LANG NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA DEFENDER A IMIGRAÇÃO POSITIVA.....	10
BIBLIOTECA DE JERUSALÉM – UM ESPAÇO DE APROXIMAÇÃO.....	11
APRENDER A DIFERENÇA.....	11
MUDAR DE VIDA PELA ARTE.....	12
7 ARTISTAS AO 10º MÊS – REVELAR O INVISÍVEL.....	13

DESTAQUE

EXPOSIÇÃO

WELTLITERATUR – (RE)VER A NOSSA LITERATURA DO MUNDO.....	26
--	----

BREVES

FUNDAÇÃO GULBENKIAN REFORÇA FUNDO PATRIMONIAL.....	24
A SAÚDE TAMBÉM ESTÁ NOS EDIFÍCIOS.....	24
NOVO AR NO MUSEU GULBENKIAN E BIBLIOTECA DE ARTE.....	24
BIBLIOTECA DE ARTE NO FLICKR.....	25
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA ONE MINUTES PT.....	25
JOÃO CARAÇA NO IET.....	26
BIBLIOTECA DE ARTE TEM REPRESENTANTE NA EBLIDA.....	26

LIVROS

DRAWING A TENSION.....	27
CIÊNCIA E CIDADANIA – HOMENAGEM A BENTO DE JESUS CARAÇA.....	27
ACERCA DO INFINITO, DO UNIVERSO E DOS MUNDOS.....	27

UM ROSTO DA ECONOMIA

VASCO CARVALHO.....	28
---------------------	----

UM ROSTO DAS BELAS-ARTES

ROGER MEINTJES.....	29
---------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

A LARGADA DO BUCENTAURO, FRANCESCO GUARDI.....	30
--	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

COLECCÃO ANA HATHERLY.....	31
----------------------------	----

UMA OBRA DO CENTRO DE ARTE MODERNA

UMA ROSA É – JOÃO VIEIRA.....	32
-------------------------------	----

AGENDA.....	33
-------------	----

NEWSLETTER Nº 96, SETEMBRO, 2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

FOTOGRAFIAS FCG Orlando Teixeira

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 12 000 exemplares

ACTUALIDADE



PRÉMIOS GULBENKIAN OS VENCEDORES 2008

A Global Footprint Network, dos Estados Unidos, e o Instituto de Ciências Marinhas da Universidade das Filipinas receberam ex-aequo o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, pela sua contribuição para a defesa do ambiente e respeito pela biodiversidade. O júri deste prémio foi constituído por Jorge Sampaio (presidente), Lord Robert May, Jacqueline McGlade, Hans Joachim Schellnhuber e Viriato Soromenho-Marques.

A **Global Footprint Network** desenvolveu o conceito de pegada ecológica, um indicador que serve de base para a análise de impacto do consumo nos recursos naturais, calculando o saldo ecológico negativo que se tem vindo a acumular ano após ano e que compromete a capacidade de sobrevivência da Humanidade e a manutenção da vida no planeta. A pegada ecológica permite calcular qual é a área necessária para produzir tudo aquilo que consumimos, revelando os limites ecológicos da Terra. De acordo com os cálculos já efectuados, seriam necessários 2,4 planetas Terra só para garantir o padrão de vida que os portugueses seguem, isto se o padrão fosse adoptado por toda a população mundial. A pegada ecológica é expressa em hectares produtivos necessários para suportar uma população. A média mundial

é de 2,2 hectares por pessoa. Mas só há 1,8 hectares disponíveis. Com o saldo negativo, o futuro é insustentável, sugere o índice.

Por seu lado, o **Instituto de Ciências Marinhas da Universidade das Filipinas** tem-se notabilizado na luta pela conservação do ambiente marinho e dos seus recursos, contribuindo para a sua utilização de forma sustentável. Promove também investigação na área das ciências, biologia e biotecnologia marinhas, bem como a formação de especialistas nestas áreas, desenvolvendo também estudos fundamentais no campo da biodiversidade e de tecnologias marinhas da protecção ambiental. O Instituto foi responsável pela inventariação completa do estado dos recifes de corais nas Filipinas, num país com 36 mil quilómetros de costa.

PRÉMIO GULBENKIAN ARTE

O júri deste prémio composto por João Marques Pinto (presidente), João Bénard da Costa, Jorge Calado, José Gil e Raquel Henriques da Silva, distinguiu este ano o realizador **Pedro Costa**. Estreando-se na longa-metragem com *O Sangue* (1989), desperta a atenção da crítica nacional e internacional, realizando posteriormente *Casa de Lava* (1994), *Ossos* (1997), *No Quarto de Vanda* (2000, Prémio para o Melhor Filme do 32º Festival de Cinema da Universidade Católica do Chile), *Onde jaz o teu sorriso?* (2001) e *Juventude em Marcha* (2006, Prémio da Associação de Críticos de Los Angeles na categoria de melhor Filme Independente/Experimental). Pedro Costa foi também um dos realizadores presentes no projecto *O Estado do Mundo*, (2007), com a curta-metragem *Tarrafal*.

Uma estética purista e austera, com uma forte presença das comunidades urbanas marginalizadas, e a integração nos elencos de actores com pouca ou nenhuma experiência são alguns dos traços fortes do seu cinema.

PRÉMIO GULBENKIAN CIÊNCIA

Incidindo este ano nas ciências sociais e humanas, este Prémio contemplou um dos mais destacados investigadores mundiais na área da macroeconomia, **Sérgio Rebelo**. É especialista em ciclos económicos, no impacto da política económica, no crescimento e nos efeitos das políticas de estabilização cambial. Actualmente, o trabalho de investigação de Sérgio Rebelo centra-se em episódios de grandes desvalorizações e na rentabilidade da especulação cambial. Os seus trabalhos têm sido publicados nas revistas de maior projecção, incluindo a *American Economic Review* e o *Journal of Political Economy*. Os elementos do júri responsável por esta escolha foram Fernando Lopes da Silva (presidente), João Ferreira de Almeida, Jorge Gaspar, Jaime Reis e Luís Cabral.



Willy De Backer recebe o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, em nome da Global Footprint Network



Maria Lourdes San Diego-McGlone recebe o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, em nome do Instituto de Ciências Marinhas da Universidade das Filipinas



Pedro Costa recebe o Prémio Gulbenkian Arte



Sérgio Rebelo, Prémio Gulbenkian Ciência, cumprimentado por Jorge Sampaio

PRÉMIO GULBENKIAN BENEFICÊNCIA

A **Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares contra a Fome**, Instituição Particular de Solidariedade Social criada em 1999, responsável pela coordenação dos vários bancos alimentares que operam em Portugal, recolhendo, armazenando e distribuindo bens alimentares pelos mais necessitados, foi a vencedora deste prémio. Esta rede de solidariedade abastece e apoia cerca de 1400 instituições caritativas e humanitárias em Portugal, abrangendo mais de 219 mil pessoas carenciadas. Actualmente, as campanhas promovidas pelo Banco Alimentar mobilizam mais de 16 mil voluntários. O júri responsável pela decisão foi presidido por António Barreto e integrou Alexandre Castro Caldas, Cristina Louro, Daniel Sampaio e D. Manuel Clemente.

PRÉMIO GULBENKIAN EDUCAÇÃO

Este prémio distinguiu, de entre as várias candidaturas, os mais de 125 anos de serviços prestados à educação e ao ensino pela **Associação de Jardins-Escola João de Deus**, fundada em 1882 pelo mecenas Casimiro Freire. Gerindo-se por um modelo próprio de aprendizagem, o Método João de Deus, criou uma Escola de Formação de Educadores de Infância e do 1º ciclo, mantendo em funcionamento 46 centros educativos e duas ludotecas itinerantes em bairros socialmente desfavorecidos. O júri foi presidido por Maria Helena da Rocha Pereira e teve a participação de Guilherme d'Oliveira Martins, João Filipe Queiró, Lúcia Jorge e Vítor Aguiar e Silva.

A cerimónia de entrega da segunda edição dos Prémios Gulbenkian decorreu no Grande Auditório, a 18 de Julho, data de aniversário da Fundação. O Prémio Internacional, no valor de 100 mil euros, premeia, em anos alternados, personalidades ou instituições, nacionais ou estrangeiras, que se tenham distinguido no respeito e salvaguarda dos direitos humanos ou na defesa do ambiente (como foi o caso deste ano). Os outros quatro prémios, de 50 mil euros cada, correspondem às quatro áreas estatutárias da Fundação. Na cerimónia, o presidente da Fundação sublinhou a importância de premiar o mérito, citando Susan Sontag que, ao receber o Prémio Príncipe das Astúrias, em 2003, referiu que em actividades como a arte, a educação ou a ciência, onde os resultados parecem resistir a uma medição objectiva, o único julgamento definitivo só pode resultar do “julgamento da posteridade”; e acrescentando que os prémios cumpriram, no entanto, uma missão de “aprovação condicional”, sem a qual muitas das grandes obras da Humanidade dificilmente se teriam realizado. Neste caso, disse Emílio Rui Vilar, os “Prémios Gulbenkian, na medida em que não têm associada qualquer obrigação de resultado, veiculam esta aprovação condicional de reali-



Isabel Jonet recebe o Prémio Gulbenkian Beneficência, em nome da Federação dos Bancos Alimentares Contra a Fome



António Ponces de Carvalho recebe o Prémio Gulbenkian Educação, em nome da Associação de Jardins-Escola João de Deus



Alexandre Castro Caldas, Maria Helena Rocha Pereira, Jorge Sampaio, Emílio Rui Vilar, João Marques Pinto e Fernando Lopes da Silva.

zações humanas, individuais ou colectivas, cujo mérito o tempo se encarregará de julgar em definitivo, mas cujo reconhecimento imediato não deve ser adiado, antes deve ser sublinhado e aplaudido, porque é simultaneamente exemplo e estímulo”.

As candidaturas para os Prémios Gulbenkian 2009 decorrerão de Janeiro a Março do próximo ano, de acordo com o regulamento disponível em www.gulbenkian.pt ■

MAIS DISTANTES OU MAIS PRÓXIMOS, PODEMOS VIVER SEM O OUTRO?

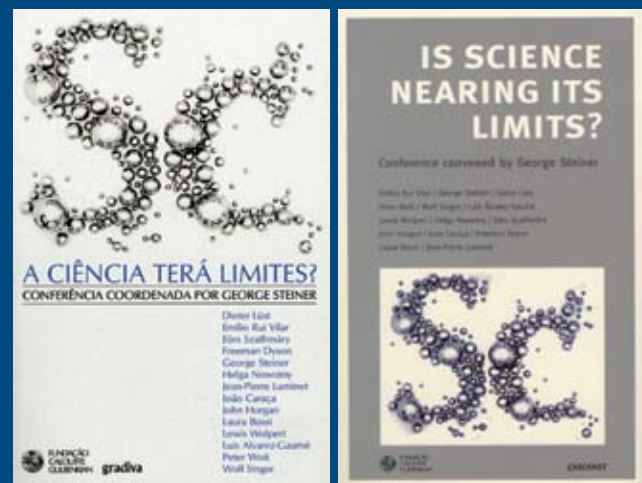
Nos dias 27 e 28 de Outubro, a Conferência Gulbenkian, que se realiza anualmente, vai centrar-se no tema da Interculturalidade, lançando a questão “Podemos viver sem o Outro?”. No ano escolhido pela União Europeia para assinalar o Diálogo Intercultural, esta Conferência representa o culminar do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade, que, durante os meses de Junho e Julho, trouxe o tema à Fundação, com um programa cultural diversificado. O comissário da conferência é o professor Arjun Appadurai, uma das personalidades que mais tem reflectido sobre as questões da violência cultural, do reconhecimento da diferença cultural como valor da modernidade e sobre as consequências da globalização cultural, nomeadamente aquelas que mais dizem respeito aos novos paradigmas de políticas sociais e dos Estados face à circulação, à escala global, das pessoas e das suas narrativas. Arjun Appadurai nasceu e estudou em Bombaim e é, actualmente, conselheiro sénior do programa Global

Initiatives na New School (Nova Iorque), onde também ocupa a posição de Distinguished Professorship as the John Dewey Professor, em Ciências Sociais. Foi o William K. Lanman Jr. Professor de Estudos Internacionais, professor de Antropologia e director do Centro para as Cidades e Globalização na Yale University. É autor de uma vasta obra da qual se destacam: *Fear of Small Numbers: An Essay on the Geography of Anger* (2006, Duke University Press) e *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization* (1996, University of Minnesota Press; 1997, Oxford University Press, Deli). As suas publicações académicas têm coberto temas como a religião, gastronomia, agricultura ou cultura de massas na Índia. Arjun Appadurai será o orador da conferência inaugural (27 de Outubro), à qual se seguirão as intervenções de mais de uma dezena de especialistas nacionais e estrangeiros, que abordarão as múltiplas questões relacionadas com o tema da Interculturalidade.

A CIÊNCIA TERÁ LIMITES?

As intervenções da Conferência Gulbenkian do ano passado sobre os limites da ciência, coordenada por George Steiner, encontram-se reunidas em livro, disponível em edição portuguesa na Gradiva e, inglesa, na Carcanet Press.

Desde os filósofos pré-socráticos até ao presente, a civilização ocidental tem sido virtualmente motivada pela confiança axiomática depositada no progresso científico. Mas o tema escolhido por George Steiner, um dos grandes humanistas europeus da contemporaneidade, aponta para uma crise da ciência, num momento em que se colocam certas barreiras às nossas expectativas. E foram as consequências disso que esta Conferência Gulbenkian tentou explorar. Para além da conferência inaugural de George Steiner, o livro inclui as intervenções de Emílio Rui Vilar, Dieter Lüst, Peter Woit, Wolf Singer, Luis Álvarez-Gaumé, Lewis Wolpert, Helga Nowotny, Eörs Szathmáry, John Horgan, João Caraça, Freeman Dyson, Laura Bossi e Jean-Pierre Luminet. ■





© Catarina Breda

A FESTA DAS CULTURAS

Foi com o concerto de Arnaldo Antunes (na fotografia) que se encerrou a série de espectáculos ao ar livre do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade, em Junho e Julho. O poeta, compositor e *performer* brasileiro apresentou-se acompanhado de três músicos, na guitarra, baixo e teclas. O repertório centrou-se no disco *Qualquer*, também editado em DVD com o título “Ao vivo no estúdio”, que o próprio artista considera muito representativo dos seus 25 anos de carreira. Arnaldo Antunes cantou também temas que compôs com os Titãs e ainda alguns que resultam do seu projecto Tribalistas, onde colabora com Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Pelo mesmo palco já tinham passado antes a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Muhai Tang, na abertura da programação, seguindo-se o colectivo português de inspiração afro-beat Cacique 97, que conta com nove elementos na banda e aposta forte nos instrumentos de sopro e percussão. Na semana seguinte foi a vez da chamada “música urbana”, com os Ritchaz & Kéke na primeira parte. Provenientes de um bairro na periferia de Lisboa, os dois adolescentes produzem uma kizomba mais acelerada do que o habitual, influenciados pelo reggae e dub jamaicano. No entanto, foi a actuação de Afrikan Boy, não menos jovem, que em conjunto com outro MC e DJ pôs quase todo o auditório a dançar ao som do grime londrino.

Inéditas na Fundação foram as sessões de cinema ao ar livre, que ocuparam um fim-de-semana. Na primeira noite foi projectado o filme *Hiroxima Meu Amor*, realizado por Alain Resnais em 1959, com argumento de Marguerite Duras. Na sessão seguinte, foi estreado o projecto Tão Perto/Tão Longe, que reúne várias curtas-metragens encomendadas pela Fundação a vinte realizadores oriundos de diferentes regiões culturais. Nesta sessão, foi exibido o primeiro conjunto de filmes, de realizadores portugueses e estrangeiros (Irão, Sérvia, África do Sul, Croácia). Cada curta-metragem vai à descoberta da origem de um objecto do quotidiano ou de uma prática artístico-cultural. Em Outubro, haverá duas sessões para apresentar a totalidade dos filmes que constituem o projecto: no dia 2 de Outubro, serão exibidas dez curtas e, no dia 28, finalmente, todo o conjunto. No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. ■

CENTRO CULTURAL CALOUSTE GULBENKIAN NOVO ESPAÇO EM 2010

O Centro Cultural Calouste Gulbenkian em Paris vai ter novas instalações dentro de dois anos. O edifício, com uma ampla área de construção e um jardim, situa-se na Rue de Grenelle, nos Invalides, e faz parte do Inventário dos Monumentos Históricos franceses.

O contrato, assinado a 23 de Julho, formaliza uma intenção anunciada pelo presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, de instalar o Centro Cultural e a sua volumosa biblioteca, constituída por mais de 90 mil títulos, num edifício mais adequado e mais acessível ao público. Esta decisão foi tomada tendo em conta a impossibilidade de adaptar as actuais instalações ao papel que se pretende que o centro desempenhe: o de um poderoso pólo de divulgação da língua e cultura portuguesas, em torno da sua biblioteca, o maior acervo português na Europa, fora de Portugal. Para o presidente da Fundação, “as intervenções no domínio das artes visuais e da música, que a Fundação continuará a promover em Paris (...) deverão, tendo valia própria, realizar-se em espaços integrados nos circuitos culturais parisienses e com capacidade de atrair os respectivos públicos”. O futuro espaço será totalmente remodelado de modo a adaptar-se a estas funções, passando a dispor, igualmente, de uma sala polivalente com 300 metros quadrados para a realização de conferências, exposições, espectáculos musicais e outras iniciativas de promoção cultural. A biblioteca ficará equipada com as mais modernas tecnologias de informação, disponibilizando documentos e uma completa base de dados, designadamente de arte portuguesa, até agora apenas acessíveis em Lisboa.

O edifício actual, situado na Av. d'Iéna, não poderia nunca constituir esse pólo em virtude dos elevadíssimos custos de adaptação e renovação e das múltiplas limitações da sua construção e localização.

O Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris continuará, para além das actividades em torno da biblioteca, a constituir um núcleo de apoio ao estudo da cultura portuguesa em França. Conjugando esforços com a acção da Fundação em Portugal, procurará estabelecer pontes com outras capitais europeias, de modo a obter um efeito multiplicador das suas iniciativas.

O projecto de intervenção e remodelação do novo espaço é da autoria da arquitecta Teresa Nunes da Ponte. Até à inauguração das instalações, prevista para o início de 2010, o Centro manter-se-á em funcionamento na Av. d'Iéna. ■

DESCOBRIR

PROGRAMA GULBENKIAN EDUCAÇÃO PARA A CULTURA



O Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir lança a sua primeira temporada de actividades no próximo dia 4 de Outubro. São mais de duas mil visitas orientadas e algumas centenas de eventos (concertos comentados, oficinas, jogos criativos, filmes de curta e longa-metragem), dirigidos a públicos de todas idades.

Para todos eles, pretende-se fazer da Fundação e do seu património artístico e natural um universo a desvendar, através de actividades pedagógicas que estimulem a compreensão crítica individual das várias artes. Para tal, os projectos educativos que existiam há já vários anos em cada sector da Fundação (Sector Educativo do Museu Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna; Descobrir a Música na Gulbenkian, no Serviço de Música; e Viver os Jardins, nos Serviços Centrais) e que, em muitos casos, foram pioneiros no panorama artístico português, articulando-se agora num programa único.

Essa articulação permite, por exemplo, definir sempre que possível temas comuns que são explorados em simultâneo na óptica própria de cada sector artístico específico. É o caso, designadamente, dos diversos projectos que incidem sobre o Barroco nas várias artes, a pretexto dos 250 anos da morte de Händel. E outro plano de articulação a que foi dada prioridade foi o da possibilidade de o visitante poder inscrever-se em diferentes actividades num mesmo dia, transitando de uma visita orientada no Museu ou no CAM para uma “Viagem ao Mundo do Som” ou para uma panorâmica guiada dos jardins.

Mas o Programa não se limita às temáticas da música, das artes visuais ou do conhecimento do parque Gulbenkian e estende-se, já este ano, ao cinema e ao audiovisual, explo-



rando o olhar da câmara sobre as demais artes. Este primeiro programa nesta área é realizado em colaboração com a Cinemateca Portuguesa. Prevê-se que, nas temporadas seguintes, o âmbito da programação possa ser alargado de forma a incorporar igualmente iniciativas nos terrenos da literatura, da ciência e das artes do espectáculo.

O título “Descobrir” revela bem a postura de fundo do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura: o princípio de um programa não autoritário, que orienta os percursos sem os dirigir num único sentido pré-determinado e que estimula a curiosidade e a criatividade face à obra de arte, revelando-a sempre como um objecto de mil leituras, inesgotável nos seus sentidos, capaz de ser integrado num contexto histórico-cultural concreto, mas também de responder às preocupações e às referências da modernidade. O Descobrir arranca a 4 de Outubro, com uma Jornada Aberta, de entrada livre, com uma amostragem da programação em todas as áreas. ■

À PROCURA DA ORIGEM

Em 2009, celebram-se os 200 anos do nascimento de Charles Darwin e o 150º aniversário da publicação da sua obra seminal, *A Origem das Espécies*. A Fundação Calouste Gulbenkian participa nas comemorações com um conjunto de iniciativas ligadas ao tema, cujo epicentro será a exposição *A Evolução de Darwin*, comissariada por José Feijó e com inauguração marcada para 12 de Fevereiro do próximo ano. Até lá, irá decorrer na Fundação um ciclo de conferências intitulado *No Caminho da Evolução*, que tem início já em Outubro. João Caraça, director do Serviço de Ciência, relembra que, “de todos os novos conceitos e poderosas ideias que acompanharam o estabelecimento das sociedades modernas que hoje povoam a Europa, aquele que provocou mais acesos e emocionados debates foi sem dúvida o da evolução dos seres vivos por selecção natural na luta pela sobrevivência”. Assim, o ciclo de conferências em torno da teoria de Charles Darwin pretende contribuir para a necessidade fundamental de encarar o mundo segundo uma perspectiva que acolha os ensinamentos da ciência. A primeira conferência, “Darwin: entre a Terra e o Céu”, será proferida por Carlos Marques da Silva, da Universidade de Lisboa, no dia 15 de Outubro. Segue-se



“Evolução e Desenvolvimento: variações a dois tempos e muitas cores”, por Patrícia Beldade, da Universidade de Leiden e do Instituto Gulbenkian de Ciência, a 5 de Novembro. No dia 16 de Dezembro é a vez de Nuno Ferrand, da Universidade do Porto, lançar a questão “Evolução e Biogeografia: porque há tantas espécies na Terra?”. A encerrar o ciclo, no dia 21 de Janeiro de 2009, “Como nos tornámos humanos?”, por Eugénia Cunha, da Universidade de Coimbra. As conferências vão realizar-se sempre no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, às 18h, com transmissão em circuito vídeo nos espaços adjacentes. ■

A MATEMÁTICA À PROVA

Com o objectivo de estimular nos jovens o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática, a Fundação Gulbenkian instituiu o Programa Novos Talentos em Matemática, que atribui anualmente bolsas de mérito para estudantes em universidades portuguesas, do 1º, 2º ou 3º ano de uma licenciatura com uma forte componente em Matemática. Espera-se dos concorrentes seleccionados que, sob orientação de tutores, realizem um trabalho de estudo aprofundado e/ou participem activamente num programa de seminários, e/ou se iniciem na investigação em Matemática. A Comissão Científica responsável pela selecção dos estudantes é composta por Ana Cannas da Silva, do Instituto Superior Técnico, José Ferreira Alves, da Universidade do Porto, Orlando Neto, da Universidade de Lisboa, e José Miguel Urbano, da Universidade de Coimbra. Para o ano lectivo 2008-2009, o prazo para apresentação de candidaturas (submetidas *online*) termina a 6 de Outubro. ■

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Ciência

BOLSAS
para estudantes que frequentem o 1º, 2º ou 3º ano de uma licenciatura com uma forte componente em Matemática no ano lectivo 2008/09

Comissão Científica
Coordenadora
Ana Cannas da Silva
Instituto Superior Técnico

José Ferreira Alves
Universidade do Porto

Orlando Neto
Universidade de Lisboa

José Miguel Urbano
Universidade de Coimbra

Data limite para apresentação de candidaturas: 6 de Outubro 2008
SUBMETIDAS ON LINE
www.gulbenkian.pt/programas

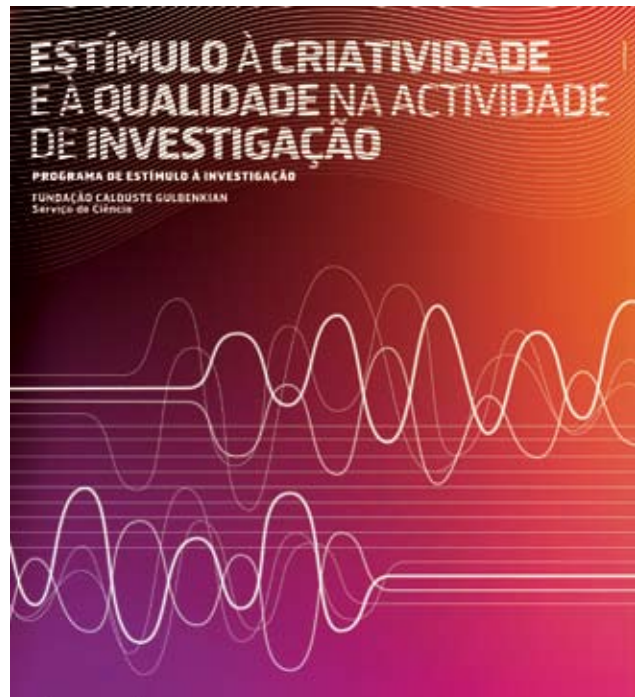
Regulamento de candidatura disponível em escolas secundárias, universidades e nos sites www.gulbenkian.pt/programas e www.mate.ucp.pt/tales

Tel: 21 782 35 23 / 9
Fax: 21 782 35 19
talentos@gulbenkian.pt

NOVOS TALENTOS EM MATEMÁTICA

ESTÍMULO À INVESTIGAÇÃO

As candidaturas ao Programa de Estímulo à Investigação 2008 estão abertas até dia 19 deste mês, para as áreas científicas de Matemática, Física, Química e Ciências da Terra e do Espaço. Este programa distingue anualmente propostas de investigação de elevado potencial criativo em áreas científicas no âmbito das disciplinas básicas, apoiando a sua execução em centros de investigação portugueses. Destina-se a investigadores cuja idade seja inferior a 31 anos em 31 de Dezembro deste ano. Serão seleccionados dois candidatos por cada área: Matemática Finita; Física de Sistemas de Baixa Dimensionalidade; Geofísica do Planeta Terra; e Sensores: Aplicações à Química e à Biologia. Os resultados do concurso serão divulgados até 24 de Novembro. ■



BOB DYLAN, NEIL YOUNG E A BIODIVERSIDADE

Termina no final de Setembro o concurso de atribuição de duas bolsas de investigação nas áreas da biodiversidade, genética e evolução, patrocinadas pelo Festival OptimusAlive!Oeiras08, numa parceria inédita entre uma instituição científica (o Instituto Gulbenkian de Ciência/IGC) e um evento musical. Maria João Leão, da Unidade de Comunicação de Ciência e principal responsável por esta iniciativa, esclarece: “As bolsas de investigação pretendem incentivar a investigação numa área fundamental para o planeta e ajudar a promover a sua sustentabilidade. Motivar recém-licenciados para a carreira de investigação científica e atrair fundos privados para o seu fomento são a visão estratégica desta parceria.”

Este é um dos resultados mais duradouros da participação do IGC no Optimus Alive!08, que decorreu no Passeio Marítimo de Algés nos dias 10, 11 e 12 de Julho. Mais de 700 pessoas visitaram a tenda do IGC, mesmo em frente ao palco principal, e tiveram uma amostra do que se faz no centro de Oeiras. Um dos espaços mais animados foi o dos Speed dating, encontros rápidos (cinco minutos), entre visitantes e muitos dos mais de 200 investigadores do IGC. Nestas conversas informais falou-se de genética populacional, dos estudos sobre o cancro ou a malária, passando pela biologia computacional; outros preferiram abordar o ingresso na profissão de cientista, o quotidiano de um laboratório e a forma como se coaduna com a vida privada.

No Pavilhão do IGC houve também um espaço dedicado à gastronomia molecular, com a preparação de gelados de cerveja preta com azoto líquido ou cocktails com soluções de sacarose, framboesa e hortelã. Jogos interactivos sobre biodiversidade e instalações de bio-arte completaram o espaço. ■





DEZ MÉDICOS ESCOLHIDOS PARA FORMAÇÃO MÉDICA AVANÇADA

A conferência inaugural da 1ª edição do Programa Gulbenkian de Formação Médica Avançada (PGFMA), realiza-se a 1 de Outubro na sede da Fundação. Lucio Luzzatto, director do Instituto di Tumore de Florença, é o orador convidado. Este é um programa doutoral dirigido a médicos clínicos, com o objectivo de proporcionar oportunidades de formação científica de alto nível aos médicos interessados em aliar a sua actividade assistencial à investigação. O PGFMA conta com a colaboração da Fundação Champalimaud.

Candidataram-se à 1ª edição do Programa 98 clínicos provenientes de mais de 30 unidades de saúde de norte a sul do país. Foram admitidos 10 candidatos, dois especialistas e oito internos de especialidade. Os candidatos admitidos em *full-time* serão integralmente financiados pelas Fundações Gulbenkian e Champalimaud, durante três anos. São eles Sofia Santos Braga, oncologia (IPO Lisboa), Ana Sofia Cerdeira, ginecologia (H. Santo António), Sandra Garcês Gama, reumatologia (H. Garcia de Orta), Maria Rita Dionísio Abreu, oncologia (IPO Lisboa), Filipe Martins, ginecologia (HU Coimbra).

Os internos admitidos em *part-time* receberão uma bolsa da Fundação Gulbenkian durante os seis meses de formação, após o que regressarão ao internato nas respectivas unidades de saúde. Ana Bastos Carvalho, oftalmologia (Hospital Santa Maria), Joana Azevedo, hematologia (C. H. Coimbra), Teresa Lima Braga, cirurgia (H. Santa Maria), Ricardo Fernandes, pediatria (H. Santa Maria), Nuno Leitão Figueiredo, cirurgia (H. Santa Maria) são os contemplados.

A componente formativa decorrerá de Outubro de 2008 a Março de 2009 no Instituto Gulbenkian de Ciência, no Instituto de Medicina Molecular e no IPATIMUP, com um corpo docente maioritariamente proveniente dos melhores centros de investigação médica europeus e americanos, seguindo-se dois anos e meio de actividade de investigação. Coordenado por Leonor Parreira, professora catedrática da Faculdade de Medicina de Lisboa, o PGFMA conta com a colaboração de uma comissão científica externa constituída pelos professores Erna Möller, do Instituto Karolinska, David Domingo Sabatini, da Universidade de Nova Iorque, e Jacques van Dongen, da Universidade de Roterdão. ■

JACK LANG NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA DEFENDER A IMIGRAÇÃO POSITIVA

O próximo encontro do Fórum Gulbenkian Migrações está marcado para 26 de Setembro, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian. Hervé Le Bras e Jack Lang, autores do livro *Immigration Positive* (2006), são os convidados para intervir nesta sessão, que conta também com a presença de António Monteiro, embaixador de Portugal em Paris, e de António Vitorino, comissário do Fórum.

Na obra que escreveram em conjunto, o historiador e demógrafo francês Hervé Le Bras e Jack Lang, um dos políticos mais marcantes da V República, defendem uma imigração positiva em detrimento de uma discriminação dita positiva. A tese dos dois especialistas questiona os mecanismos concretos da imigração em França, a regulação dos fluxos e refluxos das vagas migratórias, as razões e os motivos que levam os imigrantes a fixarem-se, bem como os *handicaps* com que se deparam as suas crianças no processo de ascensão social. “Imigração Positiva” conjuga o conhecimento que o político tem do terreno e o rigor científico do

Fórum Gulbenkian Migrações 2008

Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano

demógrafo, para desmontar a engrenagem da imigração, demonstrando que o debate sobre o número de estrangeiros – com ou sem documentos – e sobre as características étnicas dos imigrados é desprovido de sentido. Hervé Le Bras e Jack Lang produzem a partir desta reflexão propostas inovadoras que valorizam os imigrantes, a cidadania, o esforço de educação e de formação para a igualdade de oportunidades, e a diversidade cultural. ■

BIBLIOTECA DE JERUSALÉM

UM ESPAÇO DE APROXIMAÇÃO

Reaberta há menos de um ano (Novembro de 2007), a Biblioteca Gulbenkian de Jerusalém já está em plena actividade. Assim o demonstrou o simpósio internacional A Presença Arménia na Terra Santa, realizado no final de Junho, onde foram discutidos temas como as relações do Reino Arménio da Cilícia e as rainhas arménias no tempo dos cruzados, o inter-relacionamento entre os arménios do Egipto e os da Palestina, a arquitectura, a peregrinação arménia, a tradição arménia na indústria cerâmica de Jerusalém e os nuncios patriarcas enviados para o Oriente. A organização coube a Kevork Hintlian, o reputado historiador de Jerusalém, que reuniu um grupo de 16 conferencistas, entre arménios, palestinianos e israelitas, mas também especialistas vindos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, de França e de Portugal.

Um dos conferencistas convidados para falar sobre a fotografia arménia na Palestina foi a ausência mais notada depois de ver proibida a sua passagem pelo exército israelita. Residente em Ramallah, apenas a 20 quilómetros de Jerusalém, não conseguiu ultrapassar o muro que separa agora Israel da Palestina.



Contribuir para o aprofundamento científico, mas também para uma melhor compreensão entre as comunidades, é um dos objectivos da Biblioteca Calouste Gulbenkian do Patriarcado Arménio, considerada uma das melhores da diáspora e que dispõe de quatro mil manuscritos e 120 mil obras de interesse científico. ■

APRENDER A DIFERENÇA

“Merhaba! Nasilsinis?”, “Olá! Como estás?”, em turco e em português, duas expressões correntes que podem significar o princípio da proximidade entre as pessoas. Duas escolas, a Getronagan de Istambul e a Quinta do Marquês de Oeiras, fizeram um acordo de geminação e passaram-no à prática com a ajuda da Fundação Gulbenkian. Em Outubro, uma dezena de alunos portugueses irá visitar a Escola Arménia da Turquia, numa troca de experiências que começou em Maio, com a visita dos alunos arménios a Lisboa e Oeiras. Dialogar, trocar experiências, saber mais sobre as diferenças culturais entre dois povos, conhecer os programas das disciplinas de um lado e do outro, é apenas uma parte deste projecto de aprofundamento de relações e saberes entre os dois países, ao nível do ensino. Nesta época marcada pelos desentendimentos entre religiões, qualquer tentativa para aliar culturas e promover o entendimento é um princípio que os jovens valorizam, como



referem alguns dos alunos nos relatórios feitos sobre a visita; assim se pode ler: “as pessoas precisam de olhar para o lado e esquecer as diferenças”; “é importante conhecermos as diferenças dos outros para nos conhecermos melhor”; ou, ainda, “afinal não somos assim tão diferentes, até porque temos todos as mesmas idades”. ■



MUDAR DE VIDA PELA ARTE

O Lugar da Criação Artística nos Sistemas de Reinserção Social é o título do seminário agendado para 24 de Setembro e que toma como ponto de partida o caso do projecto Reinserção pela Arte, experiência que, com o apoio da Fundação Gulbenkian, se estendeu por três anos e abrangeu dezenas de adolescentes em três centros educativos da região de Lisboa, procurando iniciá-los em diferentes práticas artísticas. O projecto teve como base um modelo semelhante de abordagem a novas estratégias educativas, desenvolvido no Reino Unido, pressupondo que a arte pode abrir portas a competências que facilitem a reinserção social.

Este seminário vai contar com a participação dos vários criadores e monitores envolvidos no projecto em Portugal, que organizaram diferentes actividades e workshops: Rui Horta, director e programador de O Espaço do Tempo, Fernando Mora Ramos, director e encenador de O Teatro da Rainha, Madalena Vitorino, directora do Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, Rui Júnior, director do Tocá Rufar, António Louro e José Niza, Estúdio MoovLab, Tiago Rodrigues, actor e encenador, director artístico de O Mundo Perfeito, e Teresa Garcia, cineasta, da direcção de Os Filhos de Lumière. A sessão de abertura realiza-se às 9h30 e ao longo do dia haverá intervenções de responsáveis da Direcção-Geral de Reinserção Social, de Jorge Barreto Xavier, ex-coordenador do projecto Reinserção pela Arte e actual director-geral das Artes, bem como de Jeremy Weller, director artístico do Grass Market Project, uma companhia de teatro britânica para quem as

questões ligadas à exclusão e à justiça social são cruciais no seu trabalho artístico. Daniel Mendonça, técnico superior de reinserção social do Centro Educativo da Belavista, uma das instituições onde decorreu o projecto, também dará o seu testemunho. O seminário é aberto ao público e realiza-se, simultaneamente, no Auditório 2 e na Sala 1 da Fundação. ■



7 ARTISTAS AO 10º MÊS

REVELAR O INVISÍVEL



Raquel Feliciano

*Criada em 1997 pelo Centro de Arte Moderna com o propósito de revelar jovens artistas portugueses em início de carreira, numa altura em que escasseavam iniciativas desta natureza, a exposição 7 Artistas ao 10º Mês terá em Outubro a sua 6ª edição. De periodicidade bienal, expôs, ao longo desta primeira década, nomes que hoje são valores afirmados no panorama artístico nacional. A selecção dos artistas é confiada a um comissário a quem é concedida total liberdade para definir o conceito e os critérios de escolha dos artistas de cada exposição. A Newsletter falou com **Filipa Oliveira**, a responsável pela edição deste ano, que nos explicou as premissas que estabeleceu para conceber esta exposição que abre portas no dia 3 de Outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian. Uma mostra que promete surpreender.*

O QUE NOS PROPÕE PARA ESTA 6ª EDIÇÃO DE 7 ARTISTAS AO 10º MÊS?

Quando, há mais de um ano, fui convidada pelo director do Centro de Arte Moderna a conceber a edição de 2008, comecei por questionar o sentido desta mostra hoje em dia, pouco mais de uma década depois de ter sido criada. A verdade é que a realidade mudou bastante desde então, surgiram novas galerias, foram instituídos novos prémios para jovens artistas, tudo isto contribuindo para criar condições de visibilidade aos jovens valores emergentes, inexistentes há alguns anos. Optei por respeitar o espírito que esteve na origem desta iniciativa, escolhendo artistas de algum modo “invisíveis”, embora já com algum percurso expositivo, mas que, por uma ou outra razão, têm permanecido nas margens do sistema comercial. Apenas um dos artistas é recém-formado, todos os outros terminaram o curso há alguns anos. Apesar de serem pouco conhecidos, revelam bastante maturidade no seu trabalho e no seu pensamento.



Joana Bastos

PARA ALÉM DESSA “INVISIBILIDADE”, QUE OUTROS CRITÉRIOS ESTABELECEU PARA A SUA ESCOLHA?

A primeira premissa que estabeleci foi escolher artistas que não estivessem integrados numa galeria na altura do convite, sendo, por isso, desconhecidos tanto do público em geral como do público especializado. Este foi um critério central para a criação da identidade deste projecto. Um segundo critério na escolha destes artistas foi a marca da diferença. São todos artistas com um trabalho surpreendente, explorando temas, matérias e metodologias pouco frequentes no actual panorama português.

ONDE OS DESCOBRIU?

A minha pesquisa desenvolveu-se em várias direcções. Falei com os directores das várias escolas de arte no sentido de conhecer os alunos que se tinham destacado nos últimos cinco anos, consultei os portfolios de candidatos a vários prémios de arte, informei-me também sobre os artistas que obtiveram bolsas de arte nos últimos anos, andei por pequenos espaços pelo país, fora dos circuitos expositivos mais óbvios. No fundo, todo o trabalho de comissariado que tenho desenvolvido nos últimos anos (como, por exemplo, no Prémio Ariane de Rothschild) permitiu-me o contacto com

centenas de trabalhos de jovens artistas, servindo para realizar e fundamentar esta selecção. Esta mostra vai permitir dar a conhecer o seu trabalho.

O FACTO DE UM ARTISTA ESTAR REPRESENTADO NUMA GALERIA GARANTE-LHE, À PARTIDA, ESSA VISIBILIDADE?

Não necessariamente. Há artistas que estão em galerias com uma visibilidade diminuta. E dou o exemplo do Porto, que tem uma cena artística muito interessante e que infelizmente não está representado nesta selecção porque não consegui encontrar nenhum artista, fora do circuito galerístico, capaz de figurar nesta mostra. É sinal de que há galerias no Porto muito atentas aos valores emergentes, a questão é que a sua visibilidade começa e acaba no Porto, fora da cidade não são conhecidos. Mas, apesar de tudo, têm uma base, uma rede que os outros não têm.

Para além disso, o facto de não terem galeria permite-lhes uma maior experimentação e uma total ausência de pressão comercial.

TAL COMO NESTA APRESENTAÇÃO...

Sem dúvida, essas pressões estão completamente ausentes desta mostra, o que se pretende é que o espaço da Galeria

de Exposições Temporárias da Fundação se converta num espaço de absoluta experimentação. A ideia é abrir as portas de uma instituição como a Fundação Calouste Gulbenkian, que aposta numa programação em que predominam os valores consagrados, proporcionando a artistas sem nome firmados condições de produção que nunca conheceram. A Fundação torna-se não apenas um espaço de visibilidade, como também um espaço de possibilidade de construção de um corpo de trabalho forte.

UM ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO QUE DECIDIU ALARGAR TAMBÉM À PRODUÇÃO TEÓRICA...

Sim, achei interessante que houvesse uma massa crítica a trabalhar estes artistas, abrindo também uma oportunidade a jovens emergentes nesta área e que vão colaborar na produção de textos para o catálogo. Uma das observações feitas ao mundo artístico português diz respeito à qualidade da crítica, ao espaço cada vez mais reduzido que a comunicação social reserva para ela, e à falta de abertura para o surgimento de novos críticos. Achei pertinente dar voz a pessoas que têm desenvolvido um pensamento neste campo, mas a quem têm faltado oportunidades também de visibilidade. O facto de haver um crítico diferente para cada artista permite que se estabeleça um diálogo mais aprofundado e profícuo entre ambos. O próprio designer do catálogo também não é alguém de nome estabelecido no mundo das publicações artísticas e ser-lhe-á dada agora uma oportunidade para mostrar o seu trabalho.

O MATERIAL RESULTANTE DESSE DIÁLOGO ENTRE O CRÍTICO E O ARTISTA SERÁ INCORPORADO NO CATÁLOGO?

Esse material será apresentado numa sala de documentação contígua à exposição, onde estarão disponíveis as conversas entre os artistas e os críticos que aprofundam os textos dos catálogos, e onde também se poderá consultar a história de 7 Artistas ao 10º Mês desde a sua criação. É bom recordar que esta mostra tem tido um papel muito importante no lançamento de artistas, reforçando a missão desempenhada pelo Serviço de Belas-Artes da Fundação ao longo dos anos, no apoio à nova arte contemporânea. O número de artistas apresentados nas primeiras cinco edições que adquiriram um lugar de destaque na cena da arte contemporânea nacional é muito significativo.

QUEM SÃO ENTÃO OS ARTISTAS QUE VAMOS DESCOBRIR ESTE ANO?

A **Joana Bastos**, artista que estudou e vive em Inglaterra, trabalha a ideia da incorporação dos seus diferentes trabalhos profissionais no seu próprio trabalho artístico, fotografando-se ou filmando-se na sua vida profissional, utilizando posteriormente esse material nas obras que apresenta. Essa ideia é aqui adaptada através de uma “infiltração” performativa que fez como empregada de limpeza dos edi-

fícios da Fundação Gulbenkian, filmando-se a si e às suas colegas de profissão nesse trabalho. Essas imagens são apresentadas numa espécie de *backstage* da área que lhe é reservada nesta exposição.

A **Eduarda Silva**, artista residente nas Caldas da Rainha, faz desenhos bordados em papel, com base em bordados antigos, das revistas dos anos 50 e 60, questionando a ideia da condição feminina actual e a história da família. São desenhos muito belos, mas sempre com elementos perturbadores, por vezes até violentos. Assume um discurso feminista, considerando ser ainda necessário um discurso desta natureza hoje em dia. É um trabalho que convoca conceitos como o belo, o silêncio, e a violência.

O **Sérgio Dias** cria umas esculturas com objectos comuns, conferindo-lhes movimento através da utilização de velas. As sombras criadas pela luz das velas, numa sala mergulhada na penumbra, formam elas próprias objectos, criando uma atmosfera surpreendente. Na obra que será apresentada na Fundação, há um pavio que é aceso uma vez por dia, e que provoca, numa caixa, desenhos de fumo belíssimos, criando um ambiente que diria mágico.

A **Raquel Feliciano** trabalha a ideia da montanha como a vontade humana de ascensão e uma desmaterialização da matéria. Ensaia, assim, várias aproximações à montanha através de aguarelas e fotografias, e também de gravuras de aves de rapina, sugerindo um ambiente etéreo, espiritual, utilizando uma técnica clássica que considero perfeitamente compatível com a arte contemporânea. São trabalhos extremamente belos.

O **André Gonçalves** está ligado aos *new media*, usando o *know-how* informático nas suas instalações. Para esta exposição criou uma instalação com um aquário de balões com um mecanismo programado para fazer os balões saírem um a um, sendo atingidos por uma pistola de paintball, que vai criando uma pintura na parede ao longo do tempo. Trabalha a ideia de utilização de sofisticados meios *high-tech* para construção de peças banais, como uma pistola a rebentar balões.

O **João Ferro Martins** criou uma série de objectos muito diferentes entre si, que têm a música como fonte inspiradora: um contrabaixo danificado, fotografias de esculturas que realiza com moldes de objectos, como por exemplo de uma flauta partida. A peça central da sua peça é um “concerto” de homenagem a Ligeti em que soam 100 despertadores durante alguns segundos, duas vezes por dia. O efeito é quase ensurdecedor.

Por fim, o **Jorge Maciel** trabalha com objectos deitados no lixo, como móveis, bicicletas ou sapatos, transformando-os em objectos artísticos. Um coreto de tamanho real feito de vários móveis é a peça central da sua instalação. O interior do coreto estará repleto de objectos retirados do lixo e reciclados, animados por mecanismos que os fazem mover de um modo surpreendente. ■

ABRE A
30 DE
SETEMBRO

WeltLiteratur

MADRID, PARIS, BERLIM, S. PETERSBURGO, O MUNDO!

DESTAQUE

(RE) VER A NOSSA LITERATURA DO MUNDO

Almada Negreiros disse um dia a propósito da portugalidade e de Luís de Camões: “a terra onde Camões morreu de fome e onde todos enchem a barriga de Camões”. Quando o país de poetas gosta de se apresentar assim, “à beira-mar plantado”, com apetência para as escritas, mas pequeno para a leitura; quando muitos falam dos livros que nunca leram e o top dos mais vendidos mostra prosas de intimidades reveladas, chegámos ao momento ideal para expor a literatura? O desafio é inédito, a exposição também. Recusando facilitismos e as visões paroquiais do pequeno rectângulo, uma reduzida equipa de especialistas na matéria reflectiu sobre o assunto e concluiu que é possível expor a literatura. Mostrar textos literários e documentos inéditos, em conjunto com quadros, esculturas, fotografias, procurando estabelecer nexos e relações (às vezes tensões), é um dos aspectos de Weltliteratur – Madrid, Paris, Berlim, São Petersburgo, o Mundo!, a exposição que abrirá a 30 de Setembro, às 22h, na galeria de exposições temporárias da Fundação Gulbenkian.

António M. Feijó, professor universitário, aceitou o convite feito pelo Serviço de Educação e Bolsas da Fundação para comissariar a exposição, ao mesmo tempo que os arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus desenharam o espaço e as 11 salas autónomas que compõem a mostra. Encontrados os protagonistas centrais, a geração de Fernando Pessoa, é com eles que vamos revisitare a nossa literatura que ultrapassou as fronteiras e mostrou que só há um espaço para ela – o Mundo!

*A conversa que se segue é apenas um esboço breve do que se vai poder ver durante três meses na Fundação. As palavras de **António M. Feijó** e de **Manuel Aires Mateus** traduzem o prazer de quem pensou e executou este desafio, a pensar também no prazer de quem vê e revê.*

FAZER UMA EXPOSIÇÃO DE LITERATURA PARECE UMA MISSÃO IMPOSSÍVEL. A LITERATURA EXPÕE-SE?

António M. Feijó – Falar sobre literatura em geral é, para usar uma expressão conhecida, como querer beber o Pacífico por uma palhinha. É uma coisa tão extensa que tem de ser circunscrita. Evidentemente, pode circunscrever-se de muitos modos diferentes, pode fazer-se uma antologia da literatura portuguesa desde a época medieval ao presente, por exemplo. Isto parecerá académico, mas talvez seja interessante. Ou então, nas muitas opções disponíveis, excluir algumas logo à partida, literaturas noutros idiomas, por exemplo. Se escolhêssemos esta opção, teríamos o problema da tradução, o que exigiria uma mediação que levanta problemas de outra ordem. Chegámos então a uma primeira circunscrição: literatura portuguesa; depois circunscrevemos isso a um elenco de nomes que inclui alguns dos suspeitos do costume. Evidentemente que poderá haver sempre interrogações sobre “porquê estes?”

IA PRECISAMENTE PERGUNTAR-LHE, PORQUÊ ESTE PERÍODO E NÃO OUTRO? PORQUE NÃO O SÉCULO XVI OU O XIX, QUE FORAM IMPORTANTES NA LITERATURA?

A.M.F. – Fosse qual fosse o conjunto de autores, a ênfase estaria sempre na leitura de alguns textos. O pressuposto é de que a leitura pode ser, e é, muitas vezes árdua, mas é também algo que cumula o leitor, se uma pessoa se der a esse esforço. A ideia inicial da exposição passava pela leitura de alguns textos, seleccionados e não casuísticos, entre os quais se estabeleceriam nexos. E depois, os nexos passaram a ser decisivos – a Fundação Gulbenkian tem no Museu o extraordinário quadro de Manet, O Rapaz das Cerejas, sobre o qual há um poema em prosa de Baudelaire em que ele explica o que de terrível aconteceu ao rapaz. Isto é umnexo imediato; evidentemente, depois pode tentar estabelecer-se outros nexos, ecos ou oposições entre os textos que permitam que o visitante progrida pela exposição. O interesse em usar Pessoa é que, por um lado, em Portugal, há um lugar-comum, corrente em pessoas ligadas à literatura, que afirmam estarem cansadas de Pessoa, fadiga esta que parece, no mínimo, bizarra. O outro aspecto é o de que há uma espasmódica apropriação de Pessoa pelo Estado. Esta apropriação é, evidentemente, política e assimétrica: o Estado precisa de Pessoa, mas Pessoa não precisa do Estado. O interesse aqui era colocar Pessoa no espaço vago entre esses dois desamparos e torná-lo algo a ler. Há um défice de leitura notório, há modos de contrariar isso; não sou a pessoa competente para falar disso, mas há uma actividade solitária do leitor perante o texto que a faz reduto de sanidade ou de ampliação cognitiva. Para um leitor médio, que é o verdadeiramente importante, há muitas surpresas, há muitas coisas muito interessantes ao ler esses textos. Por outro lado, falar de um autor assume muitas vezes que

todos os interlocutores concordam no que esse nome próprio denota; ora isto está longe de ser assim: para falar dos mais agudos leitores de Pessoa, o Pessoa de Eduardo Lourenço não é o de José Gil, muito menos o do poeta impessoal e vazio de que se persiste em falar.

MAS ESTA NÃO É UMA EXPOSIÇÃO SÓ SOBRE FERNANDO PESSOA, É TAMBÉM SOBRE A GERAÇÃO QUE ESTÁ À VOLTA...

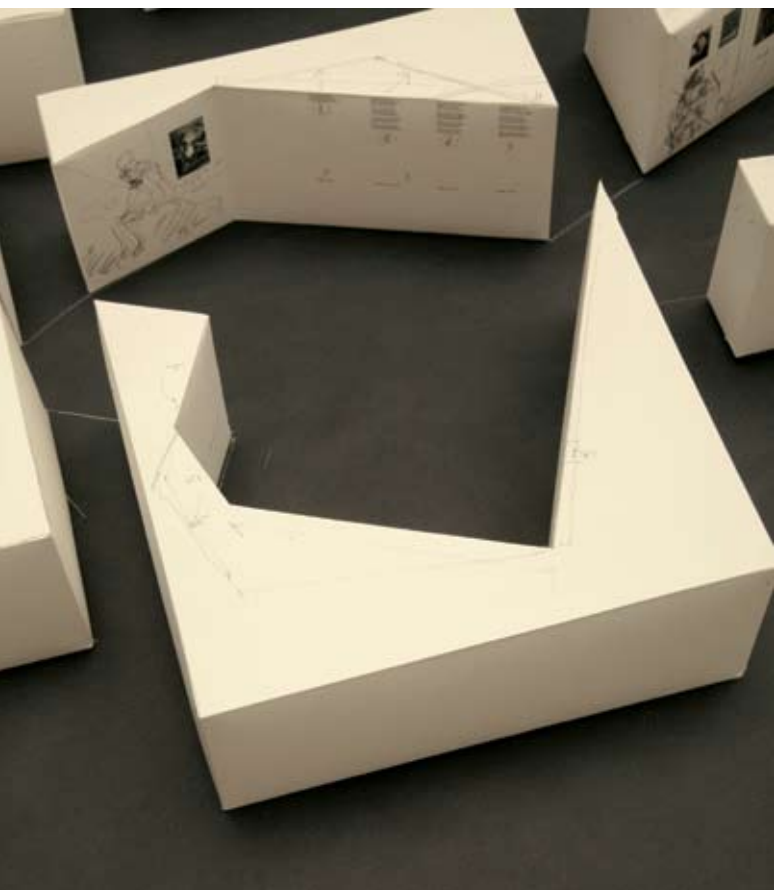
A.M.F. – É sobre Fernando Pessoa e alguns contemporâneos, alguns previsíveis, como é o caso de Mário de Sá-Carneiro, Almada, etc... mas outros que o não são.

Um deles é Teixeira de Pascoaes, sobre o qual há um enorme equívoco, associado como anda à “filosofia portuguesa”, ao “saudosismo”, etc... Sem ser necessário entrar nesse debate, direi que Teixeira de Pascoaes tem um outro lado, de uma audácia especulativa sem igual em Portugal (ou noutro lugar qualquer), que o torna talvez o único par de Pessoa no século XX português. Pascoaes tem, por isso, uma presença importante na exposição.

Depois há Camilo Pessanha, que é de uma geração anterior. Clepsidra, no entanto, só foi publicado em 1920, circulando até então os poemas de Pessanha em versão oral. Tomámos o ano da publicação do livro de Pessanha como facto que o faz contemporâneo dos outros nomes. Há um outro autor, Nemésio, que aparece como expoente de toda a grande poesia pós-Pessoa; o primeiro livro que Nemésio reconhece como seu, La Voyelle promise, é, aliás, de 1935, ano da morte de Pessoa.

“É sobre Fernando Pessoa e alguns contemporâneos, alguns previsíveis, como é o caso de Mário de Sá-Carneiro, Almada, etc... mas outros que o não são.”

Segundo a cronologia, Nemésio deveria aparecer na última sala. Invertamos esse cálculo e colocámos Pascoaes e Pessoa na última sala, porque a noção de progresso em Arte é impertinente. Pessoa tem mais peso que os outros, mas a apresentação ignora os heterónimos, não por não os julgar importantes, que são, embora o sejam sob uma descrição que não a usual na literatura crítica, mas porque há outros modos de apresentar o Pessoa que não passa pelos heterónimos.



Parte da maquete da exposição

“É a literatura do mundo partindo deste lugar, uma percepção em que a nossa capacidade foi capaz de a colocar no mundo porque ela é eminentemente deste lugar.”

PORQUÊ WELTLITERATUR PARA TÍTULO?

A.M.F. – Ao decidir fazer a exposição sobre literatura portuguesa e sobre uma época específica dela, a ênfase não é paroquial. É exactamente o contrário. Os interlocutores contemporâneos desta geração estão fora de Portugal. Para indicar isso, nada melhor que usar um termo relativamente exótico, criado por Goethe numa altura em que a Alemanha era uma confederação de pequenos Estados, não ainda um Estado unitário. Nessa altura, Goethe via a literatura como alguma coisa que transcendia essa pulverização medíocre. E via o impulso da literatura alemã como cosmopolita. Tudo o que foi feito pelos nomes que estão representados na exposição é cosmopolita, sendo igualmente do lugar de onde vem.

“Tudo o que foi feito pelos nomes que estão representados na exposição é cosmopolita, sendo igualmente do lugar de onde vem.”

O termo em alemão pretende designar isso. O subtítulo da exposição, “Berlim, Madrid, Paris, São Petersburgo, o Mundo!”, é um verso de Cesário Verde, uma espécie de irradiação heróica dessas coisas. O que é interessante aqui é que, quer em Weltliteratur, quer no verso de Cesário, não há referência a Portugal. De resto, o crescendo geográfico do verso de Cesário não inclui nenhuma cidade portuguesa. Era justamente esta tensão que queríamos evidenciar. A tensão entre interior e exterior foi sempre em Portugal objecto de uma negociação incessante. São mais questionados em Portugal, se questionado é o termo, os méritos de Siza ou de Oliveira, para falar de nomes dificilmente superáveis no exercício da sua arte, do que no exterior.

Manuel Aires Mateus – Há também aqui algo a ver com o transnacional. Esta ideia de que a relação com o lugar, com o tempo e com o lugar, assim uma espécie de hipótese de ser local como a única hipótese de ser verdadeiramente global. Essa é uma ideia muito forte da exposição. Eu gosto muito do título porque tem este transporte entre uma língua que nós não lemos e uma língua que nós lemos.

É a literatura do mundo partindo deste lugar, uma percepção em que a nossa capacidade foi capaz de a colocar no mundo porque ela é eminentemente deste lugar.

Eu acho que isso não é tanto as pontes que foi possível estabelecer, mas um corpo que foi possível deixar, que,

verdadeiramente tornado coeso, tornado inteligível, se torna verdadeiramente tão global. Esta exposição é muito interessante, é muito forte. Eu gostei muito da ideia de não traduzir, não explicar outra língua, de ter a liberdade de ter um título noutra língua

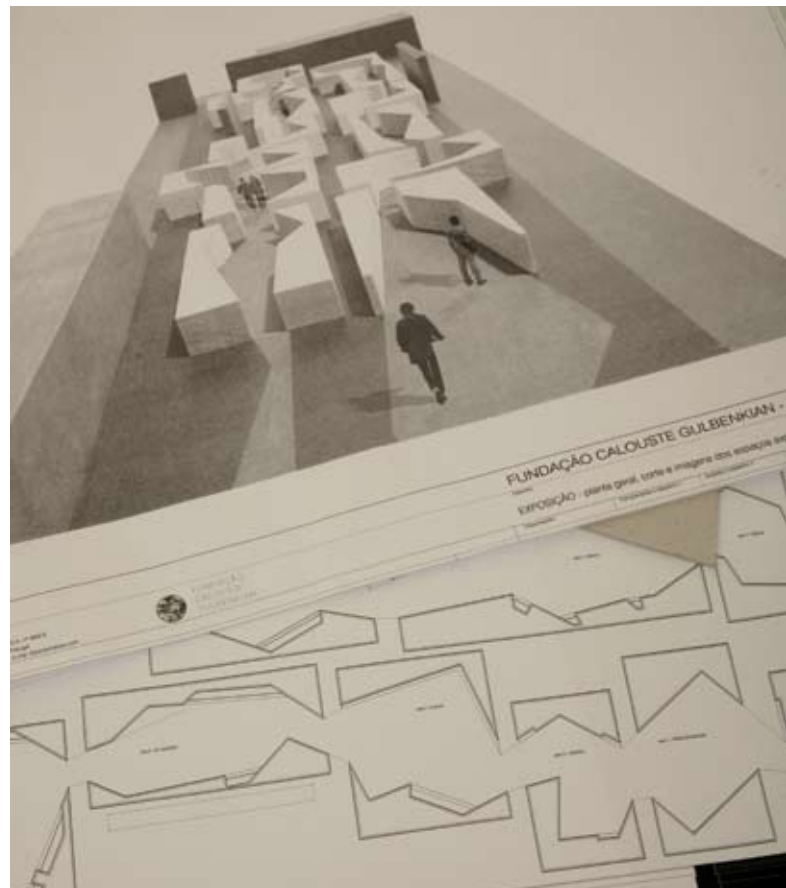
MAS É, À PARTIDA, UM ELEMENTO ESTRANHO QUE VAI CRIAR UMA INTERROGAÇÃO...

M.A.M. – Vai haver esse lado de uma leitura indirecta, porque corríamos o risco de se pensar que era apenas uma exposição sobre literatura portuguesa. E aqui não é assim – a literatura portuguesa é usada porque é capaz de constituir um corpo que explica a literatura. Nesse sentido, esta ideia de balizá-la no espaço torna-a verdadeiramente mais inteligível como global.

A.M.F. – Quando se fala de tradução, fala-se de um tradutor, e presume-se que essa pessoa sabe português numa parte do cérebro e numa outra parte sabe inglês, e que essas coisas estão separadas. E isso não é assim, porque realmente não há pessoas monolíngues. Não há uma pessoa que domine só um idioma, mesmo que viva numa comunidade fechada. Há tantas modulações à volta que haverá sempre alguém suficientemente fantasioso para falar de modo particular, e esse modo de falar é um segundo idioma perceptível. Estes autores são autores que escreveram em português, mas dominam tanta coisa exterior a si que é extraordinário perceber a exacta extensão que isso pode tomar. A certa altura aparecem poemas de Pessoa sobre o imperador Juliano, por quem Pessoa tinha uma obsessão. Um outro nome, um dos escassos comparável ao de Pessoa na literatura do século XX, o do grego Kavafis, tinha um interesse idêntico pelo imperador Juliano. Nem Kavafis nem Pessoa sabiam um do outro. Estas pessoas movem-se num espaço mais lato do que o produzido nos idiomas locais de que partem ou exercem.

M.A.M. – Eu acho que esta ideia é sempre uma espécie de utilização exponencial para chegarmos a este nível dos autores de que estamos a falar, eles têm que ter uma utilização exponencial de si próprios. Eles têm que utilizar a sua própria realidade. E nesse sentido eles são portugueses, o que os torna verdadeiramente do mundo. [A.M.F. concorda em fundo.] Porque eles têm que se utilizar mesmo. Gosto muito desta ideia, desta tradução de uma verdade, de limite. Eles são, em simultâneo, obviamente portugueses e obviamente do mundo.

A.M.F. – A exposição é de autores portugueses porque, para a maior parte das pessoas que a visitam, a legibilidade está, em princípio, assegurada. Esta posição está no exacto reverso da insistente obsessão portuguesa com a identidade. Esta insistência não deriva, aliás, curiosamente, como já foi notado, de qualquer défice de identidade, antes de uma hipertrofia da identidade.



Desenho e maqueta concebidos pelos arquitectos Aires Mateus





“É uma exposição sobre o prazer da literatura, a descoberta do prazer da cultura.”



É O QUE É QUE SE VAI PODER VER NA EXPOSIÇÃO?

A.M.F. – Expor literatura é um pouco estranho porque a literatura existe num suporte diferente. Podemos pensar numa exposição de literatura de natureza bibliófila – livros, manuscritos, etc. (e há exposições interessantíssimas desse ponto de vista)...

PORTANTO, ESTA NÃO É UMA EXPOSIÇÃO BIBLIÓFILA...

A.M.F. – Mas também tem um lado bibliófilo. Podíamos ter uma coisa predominantemente bibliófila ou fazer um jornal de parede em que exibíamos autores. O que tínhamos de tentar ver era se, num espaço suficientemente complexo e intrigante, poderíamos apresentar excertos que fossem escolhidos porque exibem um certo tipo de qualidades que os tornam interessantes. Tínhamos de fazer conviver isso com outro tipo de objectos de natureza mais directamente iconográfica. Há alguns modos imediatos de tentar fazer isto: se, por exemplo, um poema de Jorge de Sena descreve um quadro anónimo que está no Museu Nacional de Arte Antiga, podemos trazer essa peça, e fizemo-lo, e pôr o poema em presença.

OU SEJA, A EXPOSIÇÃO NÃO VAI TER APENAS OS TEXTOS, OS LIVROS, VAI TER TAMBÉM AS OBRAS DE ARTE.

A.M.F. – Exactamente. Tem presentes as obras de que se fala nos textos – pintura, escultura, fotografia; mas também tem manuscritos, vídeos, etc...

M.A.M. – Posso acrescentar uma coisa? A forma como vi esta exposição é que ela é uma exposição sobre o prazer da literatura, a descoberta do prazer da cultura.

Este prazer está no enriquecimento e na capacidade de reconhecimento de nexos, na descoberta dessas possibilidades feitas nestas espécie de recorrido que se vai estabelecendo. Eu acho que a exposição é sobre isso, verdadeiramente sobre literatura, porque é um convite à ideia de ler. É um convite a ler aqueles livros, como é que é a frase?

A.M.F. – [Risos.] Há um texto final em que Pascoaes fala dos poucos encontros que teve directamente com Pessoa. Ia num eléctrico em Lisboa, Pessoa entrou e perguntou-lhe, abrupto: “Eu vinha a pensar, Pascoaes, você acha que são mais importantes os livros de que toda a gente fala e ninguém lê ou os livros que toda a gente lê e de que ninguém fala?” Ao que Pascoaes respondeu: “Eu acho que são muito mais importantes os livros de que toda a gente fala, mas ninguém lê.” E Pessoa responde: “É exactamente o que eu penso.” Este, fielmente transcrito, é o texto final da exposição. O Manuel foi buscar o que é central à exposição, a ideia de que há uma série de autores de que toda a gente fala, mas que pouca gente lê.

M.A.M. – O problema está na descoberta, o verdadeiro prazer está na compreensão. A força da exposição é esta ideia do que é expor literatura porque não é sobre assuntos de suporte da literatura ou curiosidade em torno da literatura,

não é sobre o que é a literatura. Por isso é que eu acho que a exposição, o seu tempo, os seus autores (que resultam de uma criteriosa selecção), não são a base da exposição. A base é dizer que com esta matéria eu consigo traduzir a ideia do prazer da cultura, no caso, da literatura.

A.M.F. – Estou absolutamente de acordo.

M.A.M. – A ideia é que a exposição deve ter vários níveis de leitura e eu penso que não é uma exposição para se ver, no sentido em que é uma exposição que se viu. É uma exposição que não terá passado, a pessoa pode dizer que já cá esteve, mas dizer que viu a exposição vai ser complicado. Acho que é uma exposição que se vai descobrindo. Para nós, tem sido um processo muito estimulante, temos ido descobrindo a exposição com o António, tem sido a viagem mais sofisticada que poderíamos ter e que vai articular muitos níveis de leitura. Vai articular muitas possibilidades de aprofundar as relações com os próprios textos e com os tais nexos de relação. E a exposição também é desenhada um pouco em função disso – de tempos, de nexos e níveis que se estabelecem. Cada sala é desenhada para as temáticas e cada sala é desenhada em função das relações e das temáticas que nós queremos estabelecer. Há uns confrontos mais próximos e mais distantes.

E AS PESSOAS VÃO PERCEBER ESSES CORTES?

M.A.M. – Julgo que vão. A exposição tem claramente uma entrada que não vamos revelar qual é. Mas podemos dizer que há uma coisa determinante na primeira mensagem da exposição – todos nós escrevemos, o que não faz de nós poetas, e depois saímos da exposição com a certeza de que a literatura nos enriquece. Isto é a entrada e a saída da exposição e isto é a minha leitura do que o António quis dizer. A partir da entrada, estabelecem-se os diferentes níveis de leitura cujo espaço apenas pretende ser um suporte, não pretende ser mais que isso. A relação que nós queremos estabelecer no desenho do espaço também tem a ver com esta ideia do todo e da parte e das partes. Nós temos uma dimensão que varia entre a tal dimensão escultórica e arquitectónica, uma dimensão que encerra ou uma dimensão que permanece, que nós controlamos através da dimensão escultórica ou de uma dimensão que nos envolve, que é a arquitectónica. Há um jogo de ambiguidade nesse sentido e há uma sequência cuja passagem estabelecerá onexo maior de proximidade ou o nexo de maior distância; isso é dado rigorosamente pela intencionalidade que o António criou para cada sequência, em cada uma das 11 salas finitas ou que estabelece nas sequências que são montadas. A exposição pode ser perceptível como um todo de longe, o equilíbrio da dimensão e o desenho da exposição e depois a escala varia na nossa aproximação. Isso foi um pouco o objectivo.

“Podemos dizer que há uma coisa determinante na primeira mensagem da exposição – todos nós escrevemos, o que não faz de nós poetas, e depois saímos da exposição com a certeza de que a literatura nos enriquece.”



É UM ELEMENTO CLARO NA MONTAGEM?

M.A.M. – Há uma coisa que me interessa muito na maneira como vai ser montada a exposição, que é a relação dimensional das peças conosco – a maquete vai ser diferente para toda a gente. Nós estamos mais ou menos na linha limite da possibilidade de visão: há diferentes percepções do objecto, que será percebido dependendo da própria escala da pessoa, do visitante, entre a escala da escultura e a escala da arquitectura. Portanto há um limite de ambiguidade que foi querido e muito discutido com o António. Acho que esse efeito surpresa nunca poderá ser estragado com a maquete, porque essa relação não é traduzível em maquete. Ela não apresenta a relação com o visitante, porque é impossível apresentar a pessoa de dentro. A relação não vai ser de maneira nenhuma *standard*, é de tal maneira no limiar que, dependendo das pessoas, não só pela sua estatura como também pelo tipo de percepção que têm destas questões, a sensação de escala vai ser muito diferente. Acho que é muito pessoal, nesse sentido.



A EXPOSIÇÃO VAI ESTAR ORGANIZADA EM MÓDULOS DISTINTOS?

A.M.F. – Há um percurso através de 11 salas...

SÃO ESPAÇOS FECHADOS OU INTERLIGADOS UNS COM OS OUTROS?

M.A.M. – São espaços interligados, tal como a exposição o é. O que é muito forte é que a exposição foi sempre desenhada partindo da ideia que o António tem da selecção feitas de textos e de nexos, para além dos textos. Ou que, já numa leitura dos textos, o António introduziu. É um desenho de leituras quer por proximidade, quer por tensão, quer por óbvias ligações, quer por relações mais distantes que se vão criando a ler a relação dos textos. Eu acho que esse é o grande desafio da exposição.

ESTA É UMA EXPOSIÇÃO DE IR E VOLTAR? DE ESCOLHER VÁRIOS NÍVEIS DE LEITURA E DE PODER VOLTAR.

M.A.M. – Diria que a pessoa pode ler a exposição, estabelecer os nexos mais evidentes e, depois, pode ir descobrindo nexos e essa descoberta é o prazer inesgotável da exposição. Essa capacidade que a exposição tem de ser praticamente inesgotável é precisamente o seu valor. O material escolhido é um material conhecido e a ideia de que a utilização desse material é uma forma de arte, essa escolha do António é um retorno à literatura.

E À PRÓPRIA LINGUAGEM?

M.A.M. – O suporte pretende apoiar, mas deixando obviamente à literatura o lado de remeter para si e não para o suporte.

A.M.F. – É exactamente isso.

HÁ AQUI UM LADO DE PRAZER MAS TAMBÉM DE DESCOBERTA DOS TEXTOS, ÀS VEZES DIFÍCEIS.

A.M.F. – Há textos muito legíveis, mas também há textos um pouco mais obscuros. Haverá visitas guiadas para alunos e alguns vão ter dificuldades com alguns textos, mas haverá pessoas a explicar muito claramente a natureza da dificuldade. Não estou a dizer que todo o prazer literário passe pela dificuldade, mas não há realmente uso literário alheio à complexidade.

M.A.M. – Eu não vejo tanto a ideia da dificuldade. Eu acho que há níveis diferentes de interacção. Acho que a ideia de fazer uma exposição de literatura e o facilitismo não casam, não têm nada a ver, nem faz sentido. A ideia é que a passagem sobre esta exposição pode ser quase um percurso imagético, no seu limite. Acho que pode ser visitada por um alemão que não perceba uma palavra. Acho que ela pode ser uma passagem sobre a imagem, que eu diria que é a visão mais pobre que se poderia ter da exposição – é uma chave de entrada. É evidente que a exposição não é desenhada para ser aborrecida, pelo contrário, está desenhada para ser um prazer. Esta ideia da dificuldade não o é

no sentido de tornar qualquer nível menos interessante, não, é a dificuldade no sentido em que são tão ricos os nexos cujo prazer está nessa leitura. Eu diria que, ou pelo prazer de ver a instalação até verdadeiramente ao prazer de descobrir os vários nexos que se pretenderam estabelecer, acho que é uma exposição de prazer.

A.M.F. – Estou a dizer isto como uma espécie de advertência.

M.A.M. – Eu diria que esta advertência não é colocável, honestamente. Pelo contrário, acho que a exposição é muito, muito divertida. A ideia de ter chaves de decodificação de uma qualquer exposição, de pintura, de escultura, de arquitectura... são absolutamente necessárias e o grande prazer dessas visitas são as descobertas destes nexos. Quantas vezes nós, nas exposições de pintura, vimos ou sentimos coisas que nos dão novas pistas, que nos dão prazer enorme.

POR EXEMPLO QUANDO FALAMOS DE JORGE DE SENA, DEMOS UM EXEMPLO ILUSTRATIVO, MAS NEM SEMPRE A PRESENÇA DA OBRA SERÁ ILUSTRATIVA?

A.M.F. – A relação é uma relação que as pessoas têm de criar para si próprias. Às vezes pode estabelecer-se umnexo entre duas coisas que é um ganho cognitivo real. Se uma pessoa gosta de Mondrian e descobre os quadros figurativos com árvores de uma primeira fase do pintor holandês, e percebe que esses quadros em que árvores sucessivamente se despem ou depuram são o germe das abstracções futuras, isto é um ganho cognitivo real. E não é apenas um modo de inteligência histórica. Em rigor, a exposição podia fazer-se com um só texto dos que lá estão. Seria possível pegar só nesse texto e arranjar uma série de objectos à volta dele que o tornassem mais falador.

SERÁ O MESMO QUE DIZER QUE MUITOS DOS TEXTOS QUE VÃO ESTAR EM EXPOSIÇÃO ENCERRAM UMA EXPOSIÇÃO EM SI PRÓPRIOS. HÁ ALGUMA PEÇA-CHAVE SEM A QUAL A EXPOSIÇÃO NÃO SERIA A MESMA?

A.M.F. – Há coisas na exposição em relação às quais a ausência seria perturbante. É evidente que houve coisas que não conseguimos ter, mas também conseguimos lidar muito bem com isso.

Quanto à exposição, se a pessoa quiser, durante uma hora ou duas, tentar descobri-la, pode descobrir muitas coisas interessantes.

E SE NÃO QUISER FICAR UMA HORA OU DUAS?

M.A.M. – Acho que a exposição tem também esse lado muito real na vida – é que nós só ganhamos aquilo que damos. Quem não der, não recebe. ■

**As fotografias desta entrevista, da autoria de Orlando Teixeira, correspondem ao trabalho desenvolvido pelos arquitectos Aires Mateus. Não são imagens da exposição.*

“Eu vinha a pensar, Pascoaes, você acha que são mais importantes os livros de que toda a gente fala e ninguém lê ou os livros que toda a gente lê e de que ninguém fala?” Ao que Pascoaes respondeu: “Eu acho que são muito mais importantes os livros de que toda a gente fala, mas ninguém lê.” E Pessoa responde: “É exactamente o que eu penso.”

**PROGRAMA COMPLEMENTAR À EXPOSIÇÃO
CICLO DE CONFERÊNCIAS**
(Primeira semana de Outubro, restante programa a divulgar)

18H00, AUDITÓRIO 3

1 QUARTA-FEIRA

António M. Feijó, Francisco e Manuel Aires Mateus

4 SÁBADO

António Coutinho

8 QUARTA-FEIRA

Eduardo Lourenço

FUNDAÇÃO GULBENKIAN REFORÇA FUNDO PATRIMONIAL

A Fundação Calouste Gulbenkian concluiu o exercício de 2007 com um retorno total da sua carteira de investimentos na ordem dos 4,6%, apesar da instabilidade que a partir de Agosto se instalou nos mercados financeiros mundiais.

É uma das conclusões do Relatório Balanço e Contas relativo a 2007 recentemente aprovado pelo Conselho de Administração da Fundação, que conclui ainda que, em 31 de Dezembro de 2007, os activos totais da Fundação atingiram os 3 142 mil milhões de euros e que o capital líquido de provisões era de 2 799 mil milhões de euros.

Na área do petróleo e do gás manteve-se a dinâmica de investimento tanto nas posições tradicionais como na área da exploração e desenvolvimento. A subida dos preços do crude verificada nos mercados à vista foi parcialmente afectada pela acentuada queda da cotação da moeda americana. Os activos do Gupo Partex aumentaram de cerca de 1 074 milhões para 1 234 milhões de USD.

A estabilidade da situação financeira da Fundação permitiu-lhe manter, em 2008, sem reduções orçamentais, a sua acção filantrópica no âmbito das quatro áreas estatutárias. ■

A SAÚDE TAMBÉM ESTÁ NOS EDIFÍCIOS

A saúde pública e os edifícios saudáveis vão estar em foco na conferência de 23 de Setembro, das 15h00 às 18h00, sobre O Edifício Sede da Fundação Calouste Gulbenkian: Um Edifício Saudável. Organizada por Eduardo Oliveira Fernandes, a conferência contará com a presença de Giovanni Viegi, especialista em saúde respiratória e de Ricardo Sá, especialista em ambientes internos. O encontro pretende dar conta do esforço que foi feito para melhorar o edifício sede da Fundação, enquadrando essa iniciativa num contexto mais alargado, abordando aspectos ambientais e de saúde pública dos edifícios saudáveis. A conferência decorrerá no Auditório 3 da Fundação. ■

NOVO AR NO MUSEU GULBENKIAN E BIBLIOTECA DE ARTE

A pensar num edifício ambientalmente mais saudável, foi inaugurada a nova central de ar condicionado que serve as zonas do Museu e da Biblioteca de Arte. A nova central foi projectada tendo em atenção as necessidades específicas dos espaços a condicionar, de elevada exigência ambiental, que obrigou à instalação de máquinas com potências consideráveis. A exiguidade do espaço disponível e a impossibilidade do seu alargamento, obrigou a que as Unidades de Tratamento de Ar fossem desenhadas propositadamente para este local.

Toda a operação é feita agora de forma automática, através de um sistema de gestão técnica centralizada, podendo ficar registada num sistema de gráficos a variação dos parâmetros controlados, nomeadamente a temperatura e a humidade relativa. A nova central tem também como objectivo a redução de consumos energéticos. As obras iniciadas no ano passado decorreram sem qualquer alteração nos horários de abertura ao público. ■



BIBLIOTECA DE ARTE DIVULGA FOTOGRAFIAS NO FLICKR

A Biblioteca de Arte, da Fundação Calouste Gulbenkian, começou a divulgar as suas colecções fotográficas no Flickr: www.flickr.com/photos/biblarde.

Nesta primeira fase, das cerca de 180 mil fotografias que compõem as 180 colecções da Biblioteca, estão disponíveis cerca de mil, relativas às colecções A Talha em Portugal (6 álbuns), Azulejaria Portuguesa (6 álbuns) e Estúdio Mário Novais (16 álbuns) e, posteriormente, todas as que não se encontrem protegidas por direitos de autor ou direitos conexos. A maioria das fotografias diz respeito, tematicamente, aos mais variados aspectos das artes visuais em Portugal, ao longo do tempo, constituindo importantes fontes para o estudo e conhecimento da cultura portuguesa.

Este novo serviço é simultaneamente um meio para chegar a novos públicos e uma nova forma de consulta e acesso para os habituais utilizadores. Num momento em que “todos” estão na Web e se criam comunidades de interesse para a partilha de informação e conhecimento, a Biblioteca de Arte pretende estar onde os seus utilizadores reais e potenciais cada vez mais se encontram. Com esta iniciativa, a Biblioteca integra-se num movimento de divulgação do seu espólio através de novos canais (típicos das redes sociais), a par de outras bibliotecas, como a Library of Congress, a Smithsonian Institution, a National Library of Australia ou a Bibliothèque de Toulouse. ■



Amadeo de Souza-Cardoso

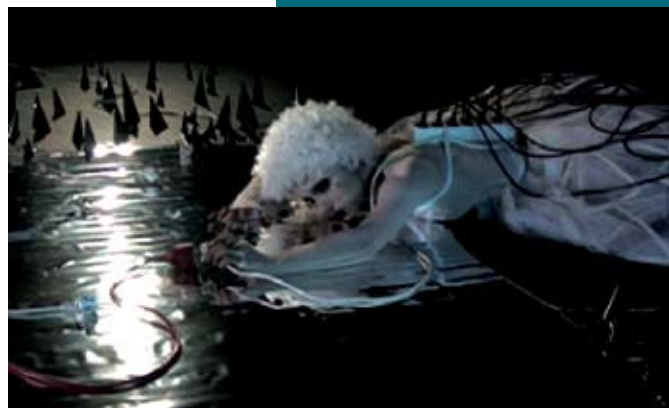
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA ONE MINUTES PT

Artistas de todas as áreas e disciplinas, das artes plásticas e visuais, são convidados a apresentar até 7 de Setembro as suas candidaturas para o Workshop One Minutes PT, que decorrerá entre 3 e 7 de Novembro de 2008, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. Os 20 artistas que forem seleccionados para o Workshop irão produzir, no mínimo, 20 filmes em vídeo com a duração exacta de um minuto, sob a orientação de um monitor enviado a Portugal pela The One Minutes Foundation e de um artista português. Será feita uma projecção pública de todos os filmes a 8 de Novembro.

The One Minutes Foundation é uma organização com sede em Amesterdão, que promove a produção de trabalhos audiovisuais com um minuto exacto de duração, para programas de televisão, websites, exposições, festivais, conferências, lançamentos e projectos para telefones móveis.

O Workshop One Minutes PT dirige-se a maiores de 23 anos, de nacionalidade portuguesa, residentes em Portugal, preferencialmente com alguma experiência no domínio da criação artística e gosto pela experimentação.

Esta iniciativa é uma colaboração entre o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, o Serviço de Belas-Artes e o Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian e a Inventário – Arte, Acção e Pensamento (Associação Cultural). www.theoneminutes.org | Mais informações: Paula Albuquerque - p@concrete-dok.net ■

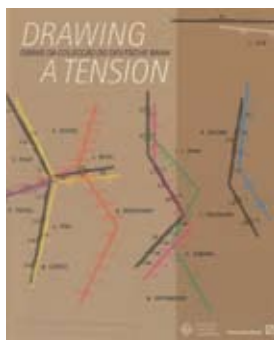


JOÃO CARAÇA NOMEADO PARA CONSELHO DIRECTIVO DO INSTITUTO EUROPEU DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

O Director do Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian, João Carança, foi nomeado a 30 de Julho para integrar o primeiro Conselho Directivo do Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia (IET), cujas bases foram lançadas em 2006 pela Comissão Europeia. O Conselho foi eleito por uma comissão independente *ad hoc* e é constituído por 18 membros de áreas diversas – entre os quais Manuel Castells –, personalidades com experiência do mundo empresarial, da investigação e da educação superior na Europa. Todos possuem uma vasta reputação nas suas áreas de especialização e a maioria tem prática académica e industrial. O IET é a primeira iniciativa europeia que tem como objectivo uma integração total das três vertentes do “triângulo do conhecimento” (educação superior, investigação, inovação empresarial) para fazer face aos desafios colocados pela globalização e que pretende inspirar a mudança em instituições europeias de educação e investigação, frequentemente isoladas do universo empresarial e que, em conjunto, não conseguem obter “massa crítica” necessária para a inovação. O Conselho de Direcção do IET será responsável pela definição de uma estratégia global e pela selecção, coordenação e avaliação das Comunidades de Inovação e Conhecimento (CIC), os centros operacionais do IET espalhados por vários locais na Europa, ficando a sede em Budapeste. A missão das CIC é gerar e promover a inovação em áreas-chave de interesse para a economia e para a sociedade. A reunião inaugural do Conselho recentemente nomeado realiza-se no dia 15 de Setembro, em Budapeste, para a abertura oficial das actividades do IET e para preparar as bases do lançamento das primeiras duas a três CIC até ao final de 2009. Mais informações: www.ec.europa.eu/eit. ■

BIBLIOTECA DE ARTE TEM REPRESENTANTE NA EBLIDA

O Comité Executivo do European Bureau of Library, Information and Documentation Associations (EBLIDA), elegeram para membro do Expert Group Information Law (EGIL) Jorge Manuel Resende, bibliotecário responsável pela coordenação e gestão das colecções e serviços ao público da Biblioteca de Arte. A EBLIDA é uma entidade independente que congrega representantes das associações nacionais de profissionais de bibliotecas e arquivos de países da Comunidade Europeia. A sua actividade cobre os desenvolvimentos na criação da sociedade de informação no espaço europeu, incluindo legislação sobre direitos de autor, copyright e propriedade intelectual, com o objectivo de promover o livre acesso à informação na era digital. Actualmente, a Biblioteca de Arte encontra-se representada também no Comité de Classificação e Indexação da Divisão de Controlo Bibliográfico e no Comité da Secção das Bibliotecas de Arte da International Federation of Libraries Association (IFLA). ■



DRAWING A TENSION

E stá disponível o catálogo da exposição **Drawing a Tension: Obras da Coleção do Deutsche Bank**, patente na galeria da Sede da Fundação Gulbenkian até 7 de Setembro, com um total de 134 peças apresentadas. O catálogo inclui textos de Jürgen Bock, curador da exposição, e ensaios de Gertrud Sandqvist e José A. Bragança de Miranda. Na capa é reproduzido um desenho de Marcos Corrales, responsável pelo projecto de arquitectura da exposição. ■



CIÊNCIA E CIDADANIA HOMENAGEM A BENTO DE JESUS CARAÇA

ORGANIZAÇÃO: LUÍSA SCHMIDT
E JOÃO DE PINA CABRAL
PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS, COM
O APOIO DA FCG

O livro de homenagem a Bento de Jesus Caraça, personalidade que marcou profundamente o universo científico português do século XX, reúne textos de vários autores, em duas partes distintas. Uma primeira, onde se revela o percurso intelectual, político e humano do cientista e notável cidadão, 60 anos após a sua morte, através de textos escritos por João Caraça, Paulo Almeida, Helena Neves e Alberto Pedroso. A segunda parte colige ensaios de Fernando Gil, Hermínio Martins, João Arriscado Nunes, Luísa Schmidt, Maria Eduarda Gonçalves, Nuno Crato, Ruy de Carvalho e Viriato Soromenho-Marques, que abordam a temática “ciência e cidadania” a partir de diversas perspectivas. ■



ACERCA DO INFINITO, DO UNIVERSO E DOS MUNDOS, 5ª EDIÇÃO

GIORDANO BRUNO

F rade dominicano, condenado à morte pela Inquisição por heresia, em 1600, Giordano Bruno é considerado um dos maiores filósofos do Renascimento. Natural de Nola, teve uma vida errante e agitada, viajando pela Europa. O seu temperamento e a inquieta atmosfera da época enredaram-no em longos conflitos com instituições e com doutrinas oficialmente estabe-

lecidas. As suas obras principais, nas quais se inclui o diálogo **Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos**, expõem as suas ideias sobre Deus e a infinitude do mundo, estimulado pelo heliocentrismo de Copérnico e contestando veementemente as posições aristotélicas. ■

VER E VIVER POR DETRÁS DAS CORTINAS

Vasco Carvalho*

30 anos

Área: Economia

UM ROSTO DA ECONOMIA



QUE NOS CONTA DA SUA EXPERIÊNCIA ACADÉMICA NA UNIVERSIDADE DE CHICAGO?

As histórias (e mitos) sobre a Universidade de Chicago e, em particular, sobre o seu Departamento de Economia fazem parte do folclore que acompanha economistas pelo mundo inteiro e são objecto de uma pequena indústria livreira. Estudar em Chicago significa ver e viver o que se passa por detrás das cortinas e aprender a admirar e a imitar quer a criação académica, ambiciosa e incessante, quer a atitude crítica constante. O facto de a maioria do corpo estudantil da Universidade ser constituída por doutorandos só reforça o ambiente geral no *campus*, às vezes aprensivo, às vezes industrioso, mas sempre à procura de uma discussão estimulante e rigorosa. A miríade de possibilidades que a cidade de Chicago – metrópole multiétnica, mas muito americana – oferece complementa na perfeição a experiência académica na Universidade.

EM QUE SE BASEIA A SUA INVESTIGAÇÃO?

A ideia é relativamente simples e a melhor forma de a explicar é recorrendo a uma analogia, pensando no impacto no tráfego aéreo mundial de um hipotético encerramento por um dia do aeroporto de Heathrow. O encerramento afectaria não só o muito tráfego que passa por Heathrow, mas levaria a atrasos e cancelamentos em cadeia, afectando primeiro todos os aeroportos que têm ligações directas com Heathrow, depois todos os que ligam com estes últimos e assim sucessivamente, levando a um abrandamento global no sistema. A minha dissertação utiliza este mesmo

argumento para analisar movimentos cíclicos na economia e procurar as suas origens na interacção de muitas tecnologias especializadas com algumas tecnologias de uso geral. Problemas que afectem estas últimas – como é o caso actual do petróleo ou do sector imobiliário – propagam-se facilmente, levando a recessões generalizadas, que afectam todas as tecnologias que dependem destes bens intermédios para funcionar. Embora esta ideia seja intuitiva, a dificuldade reside em sintetizar a complexidade desta rede de tecnologias que constitui a base de economias modernas. Felizmente, este tipo de perguntas começa a ser feito em muitas outras ciências – da Matemática à Sociologia, passando pela Informática, Biologia e a Engenharia – e a minha dissertação beneficiou, em muito, de uma constante leitura interdisciplinar.

AGORA QUE DEFENDEU A TESE QUAL É O SEU DESTINO?

Em Setembro, irei para Barcelona, onde vou assumir as funções de investigador no CREI (Centre de Recerca en Economia Internacional) e de professor assistente no Departamento de Economia da Universidade Pompeu Fabra. Na área de Economia, estas duas instituições fazem parte de um crescente (embora ainda pequeno) número de universidades europeias que apostam e recompensam a vertente de investigação e que demonstram que é possível fazer pesquisa ao melhor nível. ■

** Entrevista realizada por escrito. Bolseiro do Serviço de Educação e Bolsas na Universidade de Chicago*

CRUZAR A INFORMÁTICA COM A EDUCAÇÃO E O DESIGN

Roger Meintjes*

45 anos

Área: Design

UM ROSTO DO DESIGN



QUAL O MESTRADO QUE DECIDIU FREQUENTAR?

Estou a frequentar o mestrado em Computational Studio Arts no Goldsmiths College. O Goldsmiths College faz parte da Universidade de Londres e é reconhecido mundialmente pela interdisciplinaridade e inovação. O mestrado, que tem a duração de dois anos, é oferecido pelo Digital Laboratory, que faz parte do Computing Department. O curso pretende responder à proliferação das novas tecnologias em todas as áreas, oferecendo uma base académica que permite desenvolver novos discursos que integram a informática com outras áreas que tradicionalmente não lhe eram associadas. Esta pluralidade reflecte-se nas diversas linhas de investigação, desde os espaços inteligentes (arquitectura), à performance interactiva (música) e à terapia multimédia (psicologia). O Digital Laboratory, que também é novo na universidade, é frequentado pelos investigadores residentes, candidatos a doutoramento e grupos de investigação, criando assim um ambiente vivo e dinâmico para o desenvolvimento e troca de ideias. O mestrado é constituído por quatro cursos lectivos, vários projectos técnicos e uma tese, sempre com a mesma exigência criativa e científica.

QUE TEMA IRÁ DESENVOLVER NA SUA TESE?

A minha área de investigação encontra-se no cruzamento do Design, da Educação e da Informática. Tenho interesse em desenvolver ferramentas e espaços criativos que permitam a crianças desenvolver o conhecimento das novas tecnologias, particularmente programação e interactividade, através do fabrico de artefactos inteligentes como jogos,

brinquedos e objectos utilitários. Estes artefactos inteligentes irão integrar práticas e matérias artesanais com *hardware* e *software*. Espaços equipados com ferramentas deste tipo podem servir como núcleos de aprendizagem informal para desenvolver fluência digital e expressão artística. Infelizmente, hoje em dia, a oferta do ensino a nível universitário ainda está pouco desenvolvida nesta área. Por um lado, a maior parte dos departamentos de informática ainda pensa a investigação e a aplicação de informática num sentido muito estreito e tradicional; por outro, os departamentos artísticos continuam a pensar a incorporação destas tecnologias com orientação *user* em vez de *developer*.

E DEPOIS DO MESTRADO?

No futuro tenho interesse em aplicar estas ideias para desenvolver oportunidades nas áreas de aprendizagem formal e informal, particularmente em países em desenvolvimento. Neste sentido, nos últimos anos, tenho trabalhado no primeiro colégio de professores de Expressão Artística e Educação Visual e Tecnológica, em Cabo Verde, e num museu comunitário, numa pequena aldeia rural no mesmo país. Estas actividades no terreno complementam bem a minha vida académica actual e servem para me orientar para o futuro, particularmente do ponto de vista da criação de modelos e métodos apropriados. ■

** Entrevista realizada por escrito. Bolseiro do Serviço de Belas-Artes no Goldsmiths College, Universidade de Londres*



A LARGADA DO BUCENTAURO

FRANCESCO GUARDI

A *veduta* representa a bacia de São Marcos no momento em que o Bucentauro, barco cerimonial que transportava o doge, se dirige para a Igreja de São Nicolau do Lido, para a celebração da cerimónia do casamento simbólico entre Veneza e o mar. Na popa da embarcação, ricamente decorada, destacam-se as esculturas da Prudência e da Fortaleza, enquanto o mastro sustenta o estandarte vermelho e dourado com o leão alado de Veneza.

O *Spozalizio del Mare*, tal como era designado, consistia no lançamento à água do anel com que o Papa Alexandre III presenteara em 1177 o doge Sebastiano Ziane, numa evocação das vitórias naval e diplomática que haviam dado à cidade o controle do Adriático. As festividades prolongavam-se por quinze dias, com a realização de regatas e outras diversões, e viviam a sua apoteose no Dia da Ascensão.

A teatralidade do motivo deu lugar a inúmeras composições de Francesco Guardi. O pintor documentou o tema do trajecto do Bucentauro em zonas distintas, representando-o de diversos pontos de vista durante o curso da sua nave-

gação na Lagoa. A presente pintura, dinâmica, emotiva, de cromatismo vigoroso, pode ainda relacionar-se com duas obras do autor pertencentes ao Museu Calouste Gulbenkian, onde se destacam, tal como no presente caso, o molhe junto ao Palácio Ducal. ■ **Luísa Sampaio**

Francesco GUARDI (1712-1793)

A Largada do Bucentauro

Veneza, c. 1765-80

Óleo sobre tela

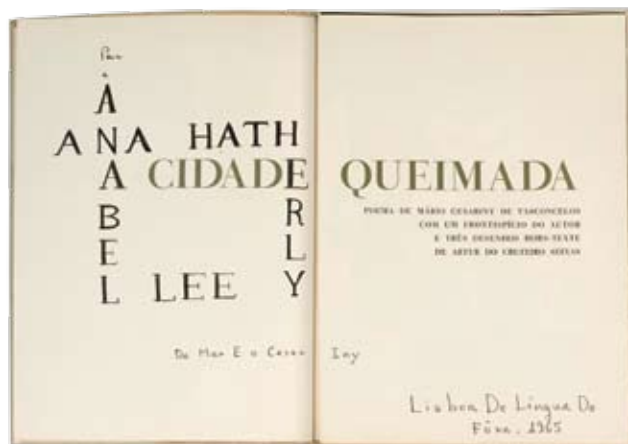
Proveniência: Colecção Conde de Camperdown; Colecção Conde de Buckinghamshire. Adquirido na Christie's, Londres em 8 de Março de 1919.

61 x 92 cm

Inv. 392

COLEÇÃO ANA HATHERLY

O nome de Ana Hatherly (Porto, 1929) está intimamente ligado a algumas manifestações de vanguarda acontecidas no cruzamento do panorama artístico e literário português, a partir de 1960. Ao longo da sua produção literária e artística pode observar-se a exploração das possíveis ligações sonoras e visuais da palavra, ultrapassando as fronteiras/barreiras entre a escrita e a expressão plástica. A propósito da sua exposição *Desenho no Espaço*, realizada na Galeria Tempo em 1979, Ana Hatherly escreveu no respectivo catálogo: “O meu trabalho começa com a escrita – sou um escritor que deriva para as artes visuais através da experimentação com a palavra. (...) O meu trabalho também começa com a pintura – sou um pintor que deriva para a literatura através de um processo de consciencialização dos laços que unem todas as artes, particularmente na nossa sociedade.” Sobre esta duplicidade criativa, em *A Phala: Um Século de Poesia*, Alberto Pimenta escreveu que Ana Hatherly “tem uma produção tão vasta, tão variada, e ao mesmo tempo tão coerente e profunda, que é natural considerá-la SENHORA DE TODAS AS ANUNCIACÕES ESTÉTICAS!”. Em Portugal, a divulgação para um público mais alargado da poesia visual e concreta que além-fronteiras se ia fazendo foi realizada em Setembro de 1959, nas páginas do *Diário de Notícias*, através de um artigo assinado por Ana Hatherly, que nele publicava também um poema concreto de sua autoria. Este movimento poético de carácter vanguardista desenvolveu-se e afirmou-se entre nós durante as décadas de 1960 e 70, com a designação de Movimento da Poesia Experimental. Entre os seus principais protagonistas contam-se José Alberto Marques, Salette Tavares, Ernesto de Melo e Castro, Alexandre O’Neill e a própria Ana Hatherly. Pode dizer-se que ela foi, juntamente com E. Melo e Castro, quem mais trabalhou no sentido da teorização e divulgação desta nova forma de expressão poética, participando de forma empenhada nas actividades do Movimento e integrando, com os seus trabalhos, exposições de poesia visual, tanto em Portugal como no estrangeiro. No ano em que se celebram 50 anos da sua produção literária, a disponibilização de uma parte significativa da biblioteca pessoal de Ana Hatherly, doada pela autora em Outubro passado à Biblioteca de Arte, assume especial relevância no âmbito do estudo e investigação do Experimentalismo internacional, movimento literário de vanguarda do século XX. O conjunto doado é composto por cerca de 550 espécies, entre monografias e publicações periódicas. Nas monografias encontram-se não só as obras literárias da autoria de Ana Hatherly – cujo primeiro livro



de poesia, *Um Ritmo Perdido*, foi publicado em 1958, e a primeira obra de ficção, *O Mestre*, em 1963 –, mas também títulos de outros autores significativos da poesia visual e experimental em Portugal, como Ernesto de Melo e Castro (n. 1932) e José Alberto Marques (n. 1939). Neste conjunto, encontram-se ainda obras de autores estrangeiros, como Arrigo Lora-Totino (n. 1928), poeta e artista plástico italiano que ofereceu dois dos seus livros de artista a Ana Hatherly. Grande parte destas obras encontra-se autografada, com dedicatórias à autora de *A Reinvenção da Leitura*. No conjunto de títulos de publicações periódicas, a Biblioteca de Arte criou um registo bibliográfico para todos os artigos de e sobre Ana Hatherly. Este fundo documental – de que se escolheu um exemplo – encontra-se, a partir de agora, disponível para consulta, podendo as referências bibliográficas ser pesquisadas no catálogo da BA em www.biblarte.gulbenkian.pt. ■ *Ana Barata*

TÍTULO/ RESP *A cidade queimada: poema de Mário Cesariny de Vasconcelos com um frontispício do autor e três desenhos hors-texte de Artur do Cruzeiro Seixas*

PUBLICAÇÃO Lisboa : Ulisseia, imp. 1965

DESCR. FÍSIC [44] p. [3] f. il. : il., estampas ; 34 cm

COLEÇÃO (Poesia e ensaio)

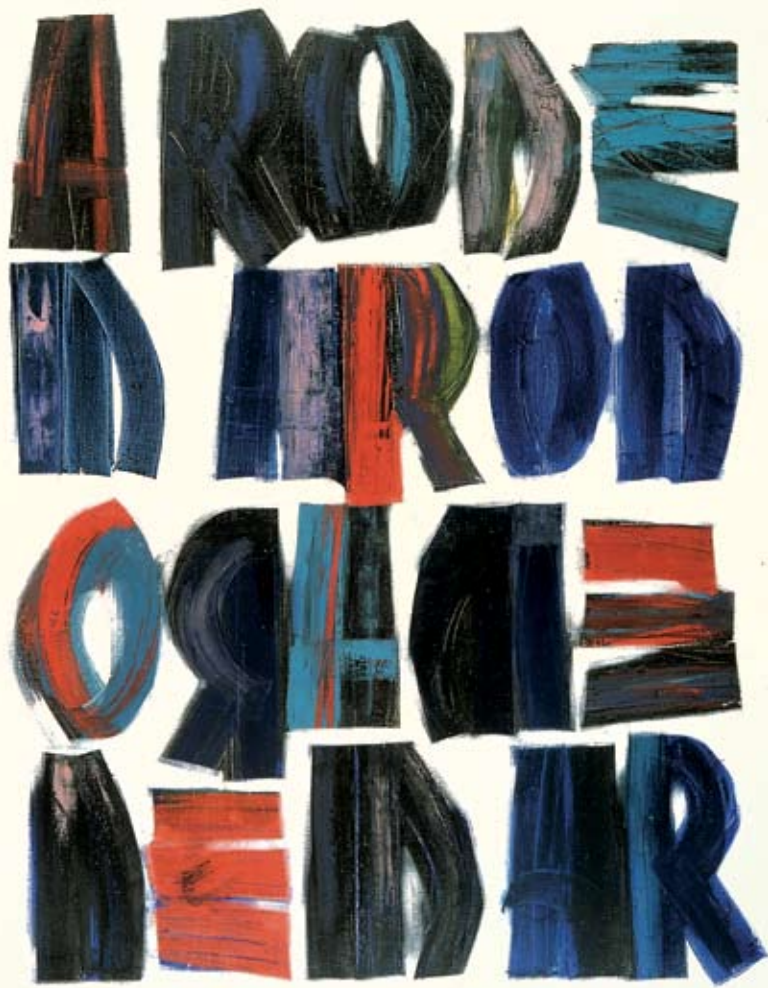
NOTAS Ex. dedicado a Ana Hatherly por Mário Cesariny.

Ex. nº 14 de uma tiragem de 300 exs. assinados pelos autores dos textos e dos desenhos. Obra composta por cadernos de folhas soltas acondicionados em capa dura, 2 fólhos com recortes

PROVENIÊNCIA Coleção Ana Hatherly

COTA(S) DE 2101 res

JOÃO VIEIRA



UMA ROSA É

“Uma rosa é”. A frase incompleta (citação poética de Gertrude Stein) esconde-se nestas quatro linhas, no paradoxo do seu gigantismo, na troca da ordem e do eixo de simetria de algumas letras. A trincha, mais ou menos espessa, desenha a parede de cada segmento de letra com a pujança de um gesto expressionista, a contenção de uma intenção minimal, a fisicalidade quase escultórica de uma aparência de madeira, fogo e água, o sentido gráfico de um painel de rua, o movimento oscilante e incerto de uma animação de figuras num ecrã, a força emblemática de alguns brasões associados, ou mesmo de talismãs, a suspensão mágica de pistas por decifrar num pergaminho claro, uma espécie de natureza de gravura na forma como se inscreve.

O valor plástico destas letras tem todas essas direcções associadas e dá-lhes quase a vida de entidades. São robustas como soldados alinhados na parada de um quartel, têm

um esqueleto férreo, um peso calcário, uma densidade matéria, uma concentração e uma luz opaca mas diversificada, que nos convence da total impossibilidade de alguma vez virem a ser apagadas. A pintura existe no corpo das letras. O seu lugar é a sua presença e atropelo físicos.

■ Leonor Nazaré

João Vieira
Uma rosa é, 1968
acrílico sobre tela
200x161 cm
nº inv.: 80P536

SETEMBRO AGENDA

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerram às segundas-feiras]

WeltLiteratur
MADRID, PARIS, BERLIM, S. PETERSBURGO, O MUNDO!



WELTLITERATUR MADRID, PARIS, BERLIM, SÃO PETERSBURGO, O MUNDO!

30 SETEMBRO A 4 DE JANEIRO

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian

A expressão de Goethe, associada ao verso de Cesário Verde, para mostrar a literatura portuguesa do Mundo, numa exposição singular que conta com o comissariado de António M. Feijó e a concepção dos arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus. Textos literários, documentos e obras de arte apresentados em 11 salas autónomas que mostram a literatura e os autores da geração de Fernando Pessoa.

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian | €4

CONTINUAM...



DRAWING A TENSION OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

ATÉ 7 SETEMBRO

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian

Cinco núcleos formados por cumplicidades filosóficas e estéticas em diálogo e, por vezes, em tensão entre si. De uma das mais vastas coleções de arte do mundo, estão expostas 134 obras de, entre outros, Hans Arp, Joseph Beuys, Marcel Broodthaers, Max Ernst, Martin Kippenberger, Blinky Palermo, Sigmar Polke. Comissário: Jürgen Bock, Director da Escola de Artes Visuais Maumaus | €4



DESNORTE UM PROJECTO DE SUSANA ANÁGUA

ATÉ 26 OUTUBRO

Centro de Arte Moderna, Galeria de Exposições Temporárias

Ideias como a da perda de referências espaciais e a do esforço da sua recuperação estão na origem da proposta artística de Susana Anágua.

Entrada livre



TOLDOS NO JARDIM

ATÉ 31 OUTUBRO

Originais dos artistas: Philomena Francis (Londres), Sergio Vega (Gainesville), Hakam Gursoytrak (Istambul), Marisa Vinha (Lisboa), Yonamine (Luanda), António Sérgio Moreira (Belo Horizonte), Francisco Vidal (Lisboa), Rosana Paulino (São Paulo), Wilson Shieh (Hong Kong), Kenya Evans (Houston), Celestino Mudaulane (Maputo), UIU (Barcelona), Gabi Jiménez (Marines), Santiago Cucullu (Milwaukee)



CAFÉ BABÉLIA FOTOGRAFIAS DE DUARTE AMARAL NETTO

ATÉ 31 OUTUBRO

Cafetaria do Centro de Arte Moderna

HORIZONTES WALTERCIO CALDAS

ATÉ 4 JANEIRO

Centro de Arte Moderna, piso 0

Waltercio Caldas (Rio de Janeiro, 1946) é autor de uma obra com cerca de 40 anos, desenvolvida em diferentes suportes: escultura, desenho, artes gráficas, gravura, cenografia e figurinos.

€4 (inclui entrada na exposição Apresentação da Coleção)

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAM

ATÉ 4 JANEIRO

CAM, Piso 01 e 1

Apresentação de obras do primeiro e segundo modernismos, surrealismo e expressionismo dos anos 40 e 50 e ainda obras dos anos 60. Pode ver também obras da segunda metade do século XX e do século XXI, especialmente esculturas, pintura de grandes formatos e instalações. | €4

EVENTOS

CICLO DE CONFERÊNCIAS

DRAWING A TENSION, OBRAS DA COLEÇÃO DO DEUTSCHE BANK
5 SEXTA-FEIRA, 18H00

Karin Sander: *Pointing*
Auditório 3

Programa Gulbenkian Ambiente

PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE
EDIFÍCIOS SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS
23, TERÇA, 15H00 ÀS 18H00

Auditório 3

PROJECTO REINserÇÃO PELA ARTE

Seminário: O lugar da criação artística nos sistemas de reinserção social

24 QUARTA, 09H30 ÀS 19H00

Auditório 2 e Sala 1

Fórum Gulbenkian Migrações 2008

Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano

FORUM GULBENKIAN MIGRAÇÕES
NOVOS DESAFIOS DAS MIGRAÇÕES

26, SEXTA, 15H00 ÀS 17H00

Auditório 2

Jack Lang Deputado na Assembleia Nacional Francesa
Hervé Le Bras Director do Laboratório de Demografia Histórica, Paris

António Monteiro Embaixador de Portugal em França
António Vitorino Comissário do Fórum Gulbenkian Migrações

CURSOS

ACÇÃO DE FORMAÇÃO

PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES E ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES DE TURISMO
ARTE ORIENTAL (1ª E 2ª PARTE)

17 E 19, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

ARTE EUROPELA (1ª E 2ª PARTE)

24 E 26, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Museu

Marcação até 8 dias antes da data prevista

Nº de participantes: máximo 15

Contacto: isilva@gulbenkian.pt | 217823456

Entrada livre

VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

VISITA TEMÁTICA AO MUSEU

DOS OÁSIS NO DESERTO AOS OÁSIS NOS TAPETES

2, TERÇA, 15H00

Sujeito a marcação prévia até 8 dias antes

De 5 a 15 participantes (Ver informações) | €4

CENTRO DE ARTE MODERNA

CONVERSAS DE 15 MINUTOS À HORA DE ALMOÇO

EXPOSIÇÃO **DRAWING A TENSION**

OBRA DE JOSEPH BEUYS,
“DUAS SENHORITAS COM PÃO LUMINOSO”,
DESENHO, 1966

5, SEXTA, 13H00

Entrada livre

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

DRAWING A TENSION

OBRAS DA COLEÇÃO DEUTSCHE BANK

7, DOMINGO, 12H00

Entrada livre



VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

HORIZONTES

WALTERCIO CALDAS

14, DOMINGO, 12H00

Entrada livre

CONVERSAS DE 15 MINUTOS À HORA DE ALMOÇO

DESNORTE

UM PROJECTO DE SUSANA ANÁGUA

19, SEXTA, 13H00

Entrada livre

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

DESNORTE

UM PROJECTO DE SUSANA ANÁGUA

21, DOMINGO, 12H00

Entrada livre

VISITA

CEM ANOS DE ARTE A PARTIR DA COLEÇÃO DO CAM

28, DOMINGO, 12H00

Orientação: Hilda Frias

Entrada livre

VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades com jogos, histórias e materiais para experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/percursos (sem orientador). As malas são utilizadas pelas famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação. | €5 /mala (máx. de 3 horas)



PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS EDUCATIVOS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia tel. 21 782 32 32 | fax 21 782 30 32
educativo.museu@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

OFICINAS E CURSOS NO CAM

Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 13h00
tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

FÉRIAS NO MUSEU: A GRANDE AVENTURA VIAGEM À GRÉCIA

**2 A 5, TERÇA A SEXTA,
10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H00**

5 A 7 ANOS | 8 A 10 ANOS | 11 A 12 ANOS

€75 [Módulos de 4 dias inteiros] | *Durante o almoço/ piquenique, trazido de casa para aqueles a quem convier, as crianças serão acompanhadas por técnicos do serviço educativo: €8 criança/módulo*

OUTROS GRUPOS

(Adultos ou crianças, At'l's, grupos familiares, grupos culturais etc.) Durante o mês de Agosto, o Serviço Educativo do Museu organiza os seus programas de acordo com as características específicas de cada grupo requerente, por grupo etário, objectivos ou disponibilidade de tempo. Marcação prévia, até 8 dias antes. Gratuito: At'l's ONGs, IPSEs
€4 [entrada no Museu/pessoa para outros grupos]

VISITA / OFICINA CRIATIVA

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

13 E 14, 20 E 21, SÁBADO E DOMINGO

4 AOS 5 ANOS | 6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS

O QUE SÃO MEDALHAS?

13, 14H30 ÀS 16H30

O TEMPO DOS FRUTOS

14, 10H30 ÀS 12H30

O QUE É O IMPRESSIONISMO?

20, 14H30 ÀS 16H30

PINCÉIS NA MÃO E VAMOS PINTAR!

21, 10H30 ÀS 12H30

€75

Observação: Estas duas últimas actividades complementam-se, embora possam ser frequentadas em separado.

VISITA / OFICINA CRIATIVA

MUSEU EM FAMÍLIA

A NATUREZA EM MUDANÇA

27, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 AOS 5 ANOS | 6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS

€10 [criança e um adulto]

€4 [cada criança adicional por família]

CENTRO DE ARTE MODERNA

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA MUSEU PORTÁTIL

1 A 5, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

Campos | €40 [5 sessões]



OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E YOGA A CONTADORA DE HISTÓRIAS

1 A 5, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

7 A 11 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

€40 [5 sessões]

OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA E FIGURINOS VESTIDOS DE ARTE

1 A 5, SEGUNDA A SEXTA

4 A 6 ANOS [14H30 ÀS 17H30]

7 A 11 ANOS [10H00 ÀS 13H00]

€40 [5 sessões]

OFICINA CRIATIVA

CAMINHOS DESNORTEADOS A APONTAR PARA TODOS OS LADOS

27, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

6 A 10 ANOS

28, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 A 6 ANOS [+ ADULTO] | €5





Até 4 de Janeiro 2009
HORIZONTES,
de Waltercio Caldas
Centro de Arte Moderna



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN